

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COORDENADORIA DE MUSEOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

VERA REGINA CAZAUBON

ESCRITOR JOÃO DA CRUZ E SOUSA:  
Análise de sua trajetória como patrimônio cultural

Florianópolis, Santa Catarina

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Cazaubon, Vera Regina

Escritor João da Cruz e Sousa: análise de sua trajetória como patrimônio cultural / Vera Regina Cazaubon; orientadora: Renata Cardozo Padilha.

77 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia, Florianópolis, SC.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Escritor João da Cruz e Sousa. Museu Histórico de Santa Catarina. Memória e Patrimônio Cultural. I. Cardozo Padilha, Renata (orientadora). II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

VERA REGINA CAZAUBON

ESCRITOR JOÃO DA CRUZ E SOUSA:

Análise de sua trajetória como patrimônio cultural

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Bacharelado em Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Museologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Cardozo Padilha.

Florianópolis, Santa Catarina

2022

VERA REGINA CAZAUBON

ESCRITOR JOÃO DA CRUZ E SOUSA:

Análise de sua trajetória como patrimônio cultural

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de “Bacharela em Museologia” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Museologia.

Florianópolis, SC, 24 de março de 2022.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes  
Coordenadora do Curso de Graduação em Museologia/UFSC

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes  
Curso de Museologia/UFSC

---

Prof. Dr. Igor Soares Amorim  
Professor substituto do Curso de Biblioteconomia/UEDESC

“Dedico este trabalho à vida e seus ciclos. O tempo presente é a ponte que une o passado ao futuro. A cada instante, o homem grafa, nas linhas da existência efêmera, seu legado para a posteridade.”

(Cazaubon, 2012)

## AGRADECIMENTOS

Gratidão ao Criador e Orixás, por todas as bênçãos recebidas, que permitiram a conclusão de mais uma graduação. À Universidade Federal de Santa Catarina, pela oportunidade de ingressar no seu quadro de discentes. Aos professores que ministraram aulas no Curso de Bacharelado em Museologia, por todo conhecimento transmitido e delicadeza em responder minhas dúvidas em aula, pois fui uma acadêmica com postura questionadora. À orientadora, Professora Renata Cardozo Padilha, por seus atributos principais, incentivo, paciência, dedicação e didática.

À filha Shayda Cazaubon Peres, Mestre em Educação, e Fábio Spinelli Penna, Mestre em Biologia, minha família presente, por todo incentivo no percurso acadêmico, em pensamentos, palavras e atos. À família e amigos, pela compreensão, incentivo e apoio. Aos amados colegas que ingressaram em 2018, por seu carinho, zelo e compreensão em nosso cotidiano. Um agradecimento especial aos colegas Ilione Coutinho, Larissa Wentland, Pedro Henrique dos Santos Wolter e Rúbia Stein do Nascimento, pelo presente “Cruz e Sousa – poemas”, por todo carinho e paciência em responder questionamentos.

À Eliza Regina Cordeiro (ex-secretária), à Claudia Rudnick (atual secretária do curso), por eficiência e ética, nas funções administrativas, na Secretaria do Curso de Bacharelado em Museologia. Ao aporte bibliográfico na área interdisciplinar e documentos utilizados através das instituições em nível federal, estadual e municipal, por valiosas informações *on-line*. Um brinde de alegria e realização!

## RESUMO

A pesquisa “Escritor João da Cruz e Sousa: análise de sua trajetória como patrimônio cultural” tem como objetivo conhecer sua trajetória pessoal e intelectual, que contribuiu para a formação de seu patrimônio cultural. Mesmo com críticas ao seu estilo poético, o escritor recebeu duas alcunhas honoríficas: “Dante Negro” e “Cisne Negro”, e com as obras “Missal” e “Broquéis” inaugurou no Brasil, em 1893, o movimento literário Simbolismo. Outrossim, após a sua morte, o Palácio do Governador foi rebatizado com o seu nome. Assim, o objetivo geral é a análise do patrimônio cultural da Grande Florianópolis sobre Cruz e Souza. Os objetivos específicos são: reconhecer na literatura interdisciplinar sua trajetória; analisar sua memória pós-morte; e dialogar sobre o seu patrimônio cultural sob a guarda do Museu Histórico de Santa Catarina. Com relação à metodologia, esta pesquisa será qualitativa, com abordagem exploratória, e o método utilizado é o documental, com fontes em áreas interdisciplinares, com as quais se manteve diálogos sobre questionamentos dos conceitos dissertados no decorrer da pesquisa. Para análise, recorreu-se a documentos que contribuem para a contextualização em fontes primárias, arquivos públicos e privados, bem como ao acervo fotográfico da autora e o relato de visitas ao Museu Histórico de Santa Catarina. Conclui-se com esta pesquisa que há um descaso de políticas públicas em relação à preservação e conservação do patrimônio cultural do Memorial Cruz e Sousa, que reforça o silenciamento da identidade do indivíduo na Grande Florianópolis. Identificou-se também que, no audioguia do Museu Histórico de Santa Catarina, que descreve os acervos culturais salvaguardados pela instituição, não se menciona a Sala Cruz e Sousa para os públicos que desejam conhecer a história do anfitrião que dá nome ao museu.

**Palavras-chave:** Escritor João da Cruz e Sousa. Museu Histórico de Santa Catarina. Memória e Patrimônio Cultural.

## ABSTRACT

The research “Writer João da Cruz e Sousa: analysis of his trajectory as cultural heritage” aims to know his personal and intellectual trajectory, which contributed to the formation of his cultural heritage. Even with criticism of his poetic style, the writer received two honorary nicknames: “Dante Negro” and “Cisne Negro”, and with the works “Missal” and “Broquéis” he inaugurated in Brazil, in 1893, the literary movement of Symbolism. Also, after his death, the Governor’s Palace was renamed after him. Thus, the general objective is the analysis of the cultural heritage of Grande Florianópolis about Cruz e Sousa. The specific objectives are: to recognize his trajectory in the interdisciplinary literature; analyze his post-death memory; and dialogue about his cultural heritage that is kept in the Santa Catarina Historical Museum. Regarding the methodology, this research will be qualitative, with an exploratory approach, and the method used is documental, with sources in interdisciplinary areas, with which dialogues were maintained on questioning the concepts discussed during the research. For analysis, documents that contribute to the contextualization in primary sources, public and private archives, as well as the photographic collection of this researcher and the report of visits to the Santa Catarina Historical Museum were used. It is concluded with this research that there is a neglect of public policies in relation to the preservation and conservation of the cultural heritage of Cruz e Sousa Memorial, which reinforces the silencing of the identity of this individual in Grande Florianópolis. It was also identified that, in the audio guide of the Museu Histórico de Santa Catarina, which describes the cultural collections safeguarded by the institution, Cruz e Sousa Room is not mentioned for audiences who want to know the history of the host who gives the museum its name.

**Keywords:** Writer João da Cruz e Sousa. Santa Catarina Historical Museum. Memory and Cultural Heritage.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Fotografia de Cruz e Sousa.
- Figura 2 – Desterro/SC em torno de 1804 – Iconografia 344.
- Figura 3 – Vista de Desterro/SC e seu Porto em 1875, por Oscar Constatt.
- Figura 4 – Certidão de batismo de Cruz e Sousa, Desterro/SC.
- Figura 5 – Certidão de casamento de Guilherme da Cruz e Carolina Eva da Conceição, Desterro/SC.
- Figura 6 – Casa onde nasceu Cruz e Sousa, na Vila de Nossa Senhora do Desterro/SC.
- Figura 7 – Estrada de Ferro Central do Brasil, Rio de Janeiro.
- Figura 8 – Certificado de Arquivista, Rio de Janeiro.
- Figura 9 – Capa do livro *Missal*. Lançamento no Rio de Janeiro.
- Figura 10 – Capa do livro *Broquéis*. Lançamento no Rio de Janeiro.
- Figura 11 – Túmulo de Cruz e Sousa, Cemitério São Francisco Xavier, Rio de Janeiro.
- Figura 12 – Certidão de óbito de Cruz e Sousa.
- Figura 13 – Filme *Cruz e Sousa – Poeta do Desterro*.
- Figura 14 – Busto de Cruz e Sousa. Praça (depois Largo) Benjamin Constant.
- Figura 15 – Busto de Cruz e Sousa colocado na Praça XV de Novembro em 2014.
- Figura 16 – Artista Rodrigo Rizo pintando o painel.
- Figura 17 – Painel de Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina.
- Figura 18 – Medalha de Mérito Cultural “Cruz e Sousa”, 2021.
- Figura 19 – Documento simbólico reconhecendo João da Cruz e Sousa como promotor público.
- Figura 20 – Planta da elevação frontal da Casa do Governador em Florianópolis/SC (1747).
- Figura 21 – Planta da elevação dos fundos da Casa do Governador em Florianópolis/SC (1747).
- Figura 22 – Planta do piso térreo da Casa do Governador em Florianópolis/SC (1747).
- Figura 23 – Planta do piso nobre da Casa do Governador em Florianópolis/SC (1747).
- Figura 24 – Casa do Governador em 1892, século XIX.
- Figura 25 – Palácio Cruz e Sousa, século XX, 1979.
- Figura 26 – Palácio Cruz e Sousa, século XXI, 2020.
- Figura 27 – Chegada dos restos mortais de Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina.
- Figura 28 – Inauguração do Memorial Cruz e Sousa em 06/05/2010.

- Figura 29 – Memorial Cruz e Sousa interditado no ano de 2019.
- Figura 30 – Suporte de madeira danificado no Memorial Cruz e Sousa.
- Figura 31 – Recepção da Sala Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina.
- Figura 32 – Retrato de Cruz e Sousa.
- Figura 33 – O Palácio e o Poeta.
- Figura 34 – Pannel que relata aspectos da vida do poeta desterrense.
- Figura 35 – Pannel do poema *Pinto, Pinta* – verve literária de Cruz e Sousa.
- Figura 36 – O escritor Cruz e Sousa e o jornalismo.
- Figura 37 – Expositor com bens culturais do poeta Cruz e Sousa.
- Figura 38 – Expositor com o livro *Evocações*.
- Figura 39 – Documento de traslado dos restos mortais do poeta João da Cruz e Sousa.
- Figura 40 – Urna funerária com os restos mortais do poeta João da Cruz e Sousa.
- Figura 41 – Primeiro ângulo dos painéis, um que narra a produção literária e outro a jornalística, 2020.
- Figura 42 – Segundo ângulo, que mostra a sala em seu conjunto.

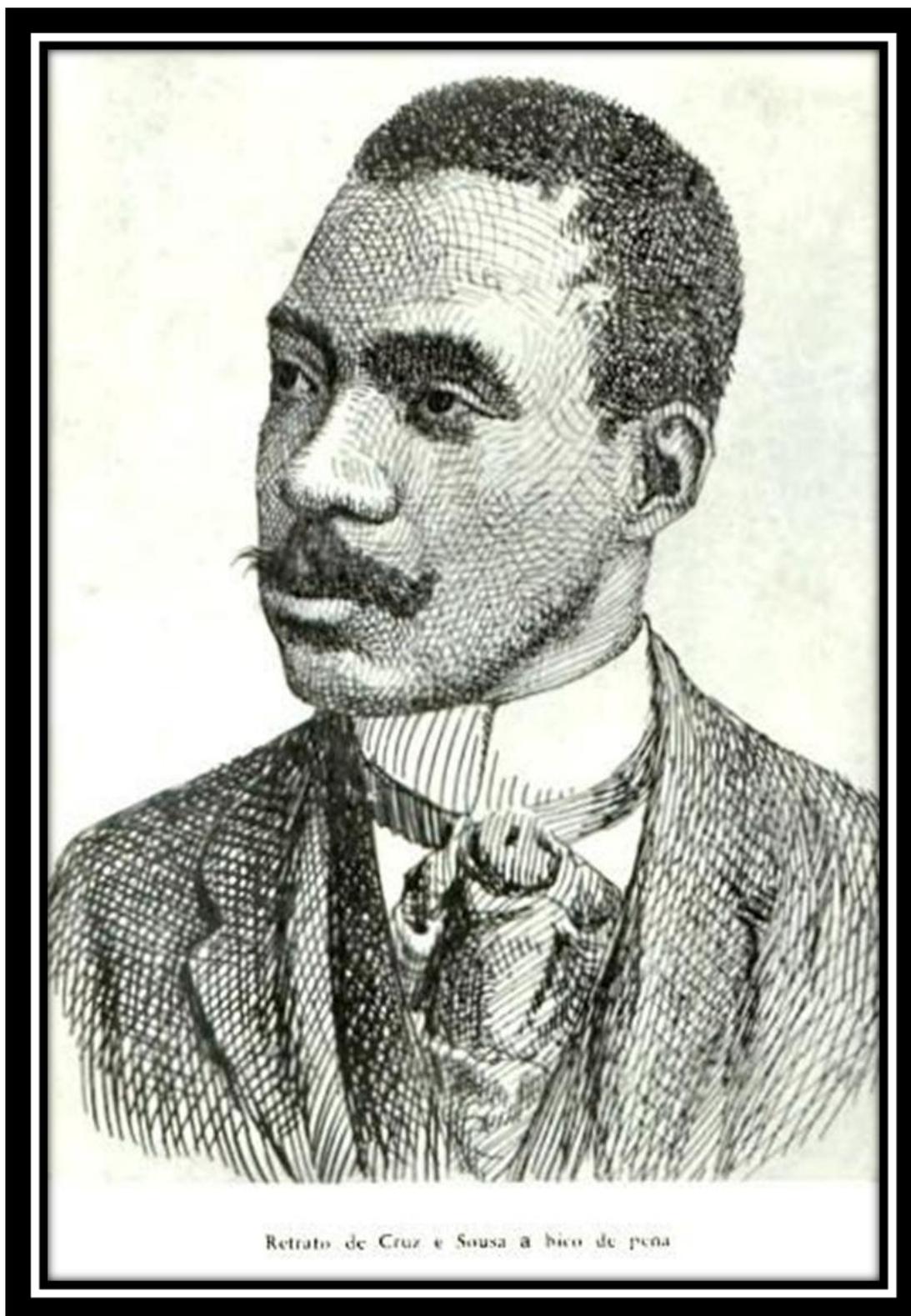
## LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACL	Academia Catarinense de Letras
COREMs	Conselhos Regionais de Museologia
FCC	Fundação Catarinense de Cultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MC	Ministério da Cultura
MHSC	Museu Histórico de Santa Catarina
SEPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município de Florianópolis/SC
SC	Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Justificativa.....	16
1.2 Objetivos.....	17
1.2.1 Objetivo geral .....	17
1.2.2 Objetivos específicos .....	17
1.3 Metodologia.....	17
1.4 Estrutura da pesquisa .....	18
2 TRAJETÓRIA PESSOAL E INTELECTUAL DO ESCRITOR JOÃO DA CRUZ E SOUSA.....	20
2.1 Quem foi Cruz e Sousa? .....	22
2.2 Escritor João da Cruz e Sousa, o poeta, o jornalista e o profissional .....	29
2.3 Trajetória final de sua vida .....	32
3 MEMÓRIA DO ESCRITOR JOÃO DA CRUZ E SOUSA NA GRANDE FLORIANÓPOLIS.....	37
3.1 O “entrelaçar” da memória, esquecimento e identidade.....	37
3.2 Homenagens pós-morte ao escritor João da Cruz e Sousa na Grande Florianópolis .....	39
4 PATRIMÔNIO CULTURAL DO ESCRITOR CRUZ E SOUSA NA GRANDE FLORIANÓPOLIS.....	46
4.1 História do Palácio Cruz e Sousa.....	48
4.2 Bens culturais móveis e imóveis do escritor João da Cruz e Sousa .....	53
4.3 Patrimônio musealizado do escritor João da Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina.....	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	73

Figura 1 – Fotografia de Cruz e Sousa.



Créditos: Biblioteca Nacional – Série Documentos Literários – João da Cruz e Sousa. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2016/11/serie-documentos-literarios-joao-cruz-sousa>.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao iniciar uma tarefa de pesquisa, tem-se a sensação de adentrar em um universo secreto, o que impulsiona quem escreve a dialogar com diversas fontes para a análise de conceitos sobre o tema proposto. A pesquisa “Escritor João da Cruz e Sousa: análise de sua trajetória como patrimônio cultural” foi desenvolvida com a finalidade de cumprir o requisito do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

A historiografia registra que, em 24 de novembro de 1861, na antiga cidade de Desterro, atual Florianópolis, em Santa Catarina, nascia um menino que recebeu o nome de João da Cruz e Sousa, filho do mestre-pedreiro Guilherme da Cruz e da lavadeira Carolina Eva da Conceição, negros, escravizados libertos. Naquela época, era costume da sociedade escravocrata e paternalista dar um sobrenome e proteção, firmado no apadrinhamento e na educação formal (enquanto, simultaneamente, os pais continuaram vivendo no porão da casa senhorial). O menino, com a idade de 8 anos, já declamava versos de sua autoria, que homenageavam seu padrinho, Marechal Guilherme Xavier de Sousa.

Na época do nascimento de João da Cruz e Sousa, no século XIX, havia, na cidade de Desterro, uma edificação construída, conhecida como a Casa do Governador ou como Palácio Rosado. A partir do final do mesmo século, passou por novas reformas e tornou-se, no ano de 1879, uma arquitetura eclética, com uma mistura de estilos entre o barroco e neoclássico. O edifício está localizado na Praça XV de Novembro nº 227, no Centro de Florianópolis, e foi rebatizado como Palácio Cruz e Sousa, uma homenagem ao escritor catarinense. Posteriormente, o palácio é tombado como patrimônio histórico de Santa Catarina e, desde 1986, tornou-se a sede do Museu Histórico de Santa Catarina.

O escritor João da Cruz e Sousa deixou um legado cultural à sociedade catarinense e ao país. Seu patrimônio imaterial está representado por seu trabalho intelectual, verve literária entre poesias e sonetos, os quais falavam das vicissitudes que ocorriam em sua vida, mas também contribuiu com sua postura abolicionista com artigos, em diversos jornais locais e em outros estados, como no Rio de Janeiro. Outrossim, Cruz e Sousa foi homenageado com uma menção honrosa, pois, de acordo com a Academia Catarinense de Letras, recebeu o título de

Patrono e ocupa a cadeira de nº 15. Entre seus livros, *Missal* (poemas em prosa) e *Broquéis* (versos), inaugurou oficialmente o Simbolismo<sup>1</sup>, um novo movimento literário no Brasil.

Também fazem parte do seu patrimônio cultural a arquitetura eclética tombada: o “Palácio Cruz e Sousa” e o Memorial Cruz e Sousa edificado e interditado para visitação, nos jardins do palácio, e seus bens culturais musealizados, entre os quais: documentação, livros, fotografias e a urna funerária sob a guarda do Museu Histórico de Santa Catarina.

Sendo assim, ressalta-se a necessidade da reflexão da sociedade catarinense sobre o homem que transitou seus ciclos de vida em uma sociedade escravista, assumindo sua cor e sua história. Trata-se de um intelectual que permitiu fluir sua verve filosófica na aceitação do homem em relação à morte, que é a única realidade insuperável da existência humana, a luta contra o racismo estrutural enraizado, o devaneio de uma sociedade igualitária, o misticismo que acompanhava seus pensamentos.

Com relação ao preconceito pela sua cor, que Cruz e Sousa enfrentou em sua época e que permanece em nossa sociedade, segundo Almeida (2019, p. 15), o racismo estrutural:

É sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. Em suma, procuramos demonstrar neste livro que as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade.

O conceito definido pelo autor acima nos faz refletir sobre a composição da estrutura de uma sociedade, o que nos esclarece, posteriormente, “a relação entre o racismo e os aspectos centrais das estruturas sociais: racismo e ideologia; racismo e política; racismo e direito e, finalmente, racismo e economia” (ALMEIDA, 2019, p. 15).

---

<sup>1</sup> “Já vimos que o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo foram movimentos literários que ocorreram na mesma época, que eles reagiam contra o sentimentalismo do Romantismo e que retratavam o mundo de modo real, observando-o e descrevendo-o exatamente como ele é, sem emoção e sem sentimento. O Simbolismo foi um movimento literário que reagiu contra essa forma científica de ver o mundo, resgatando um pouco a segunda fase do Romantismo (o Ultrarromantismo, o ‘mal do século’). Porém, os simbolistas foram mais profundos no aspecto metafísico: eles eram muito mais filosóficos. Características do Simbolismo: mergulho no ‘eu’ (introspecção), emoção, universo metafísico e filosófico, misticismo, desejo de transcender o mundo e alcançar o ‘cosmos’, pessimismo (interesse pela morte, pelo oculto, pelo mistério e pela noite), subjetivismo e decadência humana (retoma as características do Ultrarromantismo). Desse modo, eles viam a realidade do mundo de uma maneira mais metafísica, usando uma linguagem cheia de metáforas, de imagens, de símbolos (daí vem o nome ‘Simbolismo’), de elementos sinestésicos (mistura de sensações; exemplo: visão com olfato)” (RESUMOS de Literatura. Disponível em: <http://www.resumosdeliteratura.com/2014/11/resumo-de-simbolismo-literatura.html>).

### *Cárcere das Almas*<sup>2</sup>

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,  
Soluçando nas trevas, entre as grades  
Do calabouço olhando imensidades,  
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza  
Quando a alma entre grilhões as liberdades  
Sonha e, sonhando, as imortalidades  
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza

Ó almas presas, mudas e fechadas  
Nas prisões colossais e abandonadas,  
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,  
Que chaveiro do Céu possui as chaves  
para abrir-vos as portas do Mistério?!

#### **1.1 Justificativa**

Justifica-se esta pesquisa devido às lacunas observadas em trabalhos anteriores, como em artigos e trabalhos de conclusão de curso, em literaturas, historiadores, museólogos, jornalistas e escritores, por estarem direcionados à sua verve literária, e outros produzidos pela perspectiva biográfica, que relatam eventos descritos de maneira neutra, os quais não respondiam meus questionamentos, pois, ao reescrever fatos, não podem ser suprimidas informações relevantes. Considero-me privilegiada com a oportunidade de reconhecer sua trajetória, no presente, em diálogo com a interdisciplinaridade, entre historiadores, museólogos, sociólogos, jornalistas, filósofos e escritores, bem como com instituições governamentais de nível federal, estadual e municipal.

Considera-se que a palavra, na forma oral ou escrita, é um ato político no qual o indivíduo ou um grupo social expressa sua opinião sobre determinado assunto, de acordo com o regime democrático do país. Desta forma, busca-se, no desenrolar da pesquisa, avaliar o que a memória de Cruz e Sousa representa entre os conflitos sociais e políticos no Brasil, onde o racismo estrutural produz o estigma social, pois se entende que sua trajetória é referência para o povo brasileiro, que ainda busca definir sua identidade cultural. Assim sendo, é de suma

---

<sup>2</sup> Fonte: & Escritas.org. *Últimos Sonetos* (1905). Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/11485/carcere-das-almas>.

importância evocar sua memória, como modelo de força e resistência, entre aqueles marginalizados pela cor. Não há história de uma sociedade sem literatura. Não há literatura sem falar de Cruz e Sousa e o preconceito que ele sofreu no século XIX, na sociedade em que estava inserido.

## **1.2 Objetivos**

### *1.2.1 Objetivo geral*

- Análise do patrimônio cultural da Grande Florianópolis sobre Cruz e Souza.

### *1.2.2 Objetivos específicos*

- Identificar, na literatura interdisciplinar, a trajetória da vida pessoal, intelectual e profissional de Cruz e Sousa, desde seu nascimento até sua morte.
- Analisar o entrelaçar de memória, esquecimento e identidade sobre Cruz e Sousa pós-morte, na Grande Florianópolis.
- Dialogar sobre o patrimônio cultural material tombado e bens culturais musealizados do escritor Cruz e Sousa, sob a guarda do Museu Histórico de Santa Catarina.

## **1.3 Metodologia**

A pesquisa será qualitativa, com abordagem exploratória, e o método utilizado é o documental, com fontes em áreas interdisciplinares, com as quais se manteve diálogos sobre questionamentos pertinentes aos conceitos dissertados no decorrer da pesquisa:

Alves (2008); Amorim – A Tribuna News (2017); Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC, 2018); Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2021); Beléssimo (2010); Cândido (2015); Chagas (2003); Desvallées & Mairesse (2014); Ferrez (2016); Fundação Casa Rui Barbosa – Arquivo Cruz e Sousa; Fundação Catarinense de Cultura (FCC, 2015, 2017, 2019); Halbwachs (1990); Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2019); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); Le Goff (1992); Marconi & Lakatos (2010); Meneses (2018); Nora (1993); Pauli (1973); Pollack (1992); Pomian (1984); Prandini (2011); Santos (2003); e Teixeira & Ghizoni (2012).

Além das referências acima, a análise de documentos para a contextualização cultural e social de uma sociedade, em determinado momento de sua história e suas reflexões no presente, em documentos originais, arquivos públicos e privados, em leis, no acervo fotográfico da autora e no relato de visitas ao Museu Histórico de Santa Catarina, em Florianópolis, também contribuíram para a contextualização desta pesquisa.

#### **1.4 Estrutura da pesquisa**

Com relação à estrutura deste trabalho acadêmico, optou-se por apresentar três capítulos divididos em subcapítulos:

(Cap. 2) *Trajectoria pessoal e intelectual do escritor João da Cruz e Sousa* – Esse capítulo tem como objetivo reconhecer na literatura interdisciplinar a trajetória da vida pessoal, intelectual e profissional de Cruz e Sousa, do seu nascimento até sua morte. As principais fontes utilizadas são os autores: Alves (2008), Beléssimo (2010), Le Goff (1992), Meneses (1998), Pauli (1973) e Prandini (2011), os quais retratam o cotidiano do poeta e os desafios impostos pelo preconceito e outras instituições públicas, com assuntos pertinentes ao tema. Inicia-se o percurso no conhecimento do espaço geográfico e histórico de sua terra natal, Desterro, em Santa Catarina. Será construída, posteriormente, sua biografia, trajetória intelectual como escritor, o poeta com sua verve literária, o jornalista com seus artigos na defesa do abolicionismo, o profissional e seus campos de atuação, como também sua trajetória final, com os últimos acontecimentos da existência dele. Optou-se por subcapítulos para explicar os conceitos: (2.1) *Quem foi Cruz e Sousa?*; (2.2) *Escritor João da Cruz e Sousa, o poeta, o jornalista e o profissional*; e (2.3) *Trajectoria final de sua vida*.

(Cap. 3) *Memória do escritor João da Cruz e Sousa na Grande Florianópolis* – O objetivo desse capítulo é dialogar sobre conceitos de memória, esquecimento e identidade. Quando se diz ‘entrelaçar’, considera-se que a memória individual é constituída por lembranças que estão armazenadas em nossos processos cognitivos, as quais brotam como *insight*. Porém, como a memória é seletiva, construída e organizada por cada indivíduo, ela se faz acompanhar do esquecimento. Por outro lado, com certeza, é a memória coletiva que constrói a identidade cultural. Outro objetivo é identificar o discurso da sociedade e instituições sobre a identidade do intelectual Cruz e Sousa, e como essas homenagens instigam sua memória, tendo como recorte o espaço geográfico da Grande Florianópolis. As

principais fontes pesquisadas são os autores: Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Meneses (2018), Nora (1983), Pollak (1992) e outras instituições públicas com assuntos pertinentes ao tema. Foram estabelecidos subcapítulos para explicar os conceitos: (3.1) *O entrelaçar da memória, esquecimento e identidade*; e (3.2) *Homenagens pós-morte ao escritor João da Cruz e Sousa na Grande Florianópolis*.

(Cap. 4) *Patrimônio cultural do escritor Cruz e Sousa na Grande Florianópolis* – Esse capítulo tem como objetivo dialogar sobre o patrimônio cultural material e imaterial do escritor Cruz e Sousa sob a guarda do Museu Histórico de Santa Catarina. É composto por uma arquitetura tombada, o Palácio Cruz e Sousa, pelo Memorial nos jardins do palácio que leva o seu nome, e também por seus bens culturais destinados à preservação, em exposição no espaço destinado à sala do poeta: fotografias, livros, painéis que narram sua vida e urna funerária com seus restos mortais. Escolheu-se como aporte teórico: Cândido (2013), Ferrez (2016), Chagas (1994, 2003), a Fundação Catarinense de Cultura (FCC, 2012), o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2019), e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os subcapítulos que explicam os conceitos são os seguintes: (4.1) *História do Palácio Cruz e Sousa*; (4.2) *Bens culturais móveis e imóveis do escritor João da Cruz e Sousa*; e (4.3) *Patrimônio musealizado do escritor João da Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina*.

## 2 TRAJETÓRIA PESSOAL E INTELECTUAL DO ESCRITOR JOÃO DA CRUZ E SOUSA

Este capítulo tem por objetivo reconhecer, na literatura interdisciplinar, a trajetória da vida pessoal, intelectual e profissional de Cruz e Sousa, desde o nascimento até a morte. As principais fontes utilizadas são os autores: Alves (2008), Beléssimo (2010), Le Goff (1992), Meneses (1998), Pauli (1973) e Prandini (2011), os quais retratam seu cotidiano e os desafios impostos pelo preconceito e outras instituições públicas, com assuntos pertinentes ao tema.

Inicia-se o percurso no conhecimento do espaço geográfico e histórico de sua terra natal, Nossa Senhora do Desterro, em Santa Catarina. Posteriormente, será construída sua biografia, nascimento, trajetória pessoal e intelectual como escritor; o poeta com sua verve literária; o jornalista com seus artigos na defesa do abolicionismo; o profissional e seus campos de atuação; e, então, sua trajetória final, que relata os últimos acontecimentos de sua existência. Os seguintes subcapítulos irão ajudar na explanação dos conceitos: *Quem foi Cruz e Sousa? – Escritor João da Cruz e Sousa, o poeta, o jornalista e o profissional – Trajetória final de sua vida.*

De acordo com Le Goff (1992, p. 447), uma investigação documental muitas vezes se apropria da memória, a qual conserva informações e, dessa maneira, o ser humano pode atualizar acontecimentos sobre o passado em forma oral ou escrita através de documentos; porém, como diz o mesmo autor, “documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente da época, das sociedades que o produziram”.

Sendo assim, iniciamos o caminho da pesquisa em busca de informações com base na historiografia da cidade de Desterro, em Santa Catarina, para conhecer a região onde nasceu o escritor João da Cruz e Sousa. Dados históricos registram que o povoado teve sua origem em meados do século XVII (1673), e recebeu o foro de vila em 26 de março de 1726, conforme diz a Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, sobre a *História de Desterro*.

Figura 2 – Desterro/SC em torno de 1804 – Iconografia 344.

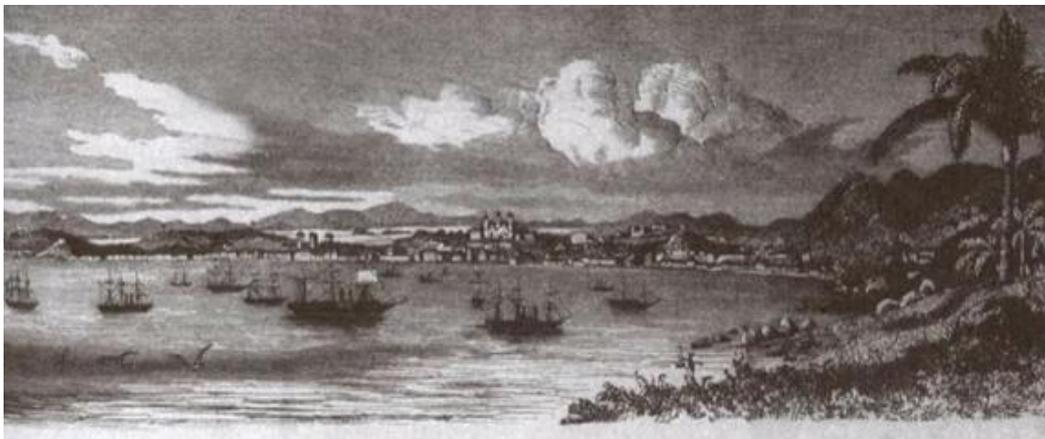


Créditos: <https://fundacaoculturalbadesc.com/iconografia-344/>.

Posteriormente, de acordo com a *Carta Régia* de 20 de março de 1823, D. Pedro I “Eleva à categoria de cidade a Villa do Desterro, a capital da Província de Santa Catarina” (BIBLIOTECA da Câmara dos Deputados, fls. 176, p. 51). Assim, quando Cruz e Sousa nasceu, Desterro já era considerada cidade. Outrossim, cerca de 70 anos depois, segundo o IBGE, por meio da Lei Estadual nº 111, de 1º de outubro de 1894, o “Município de Nossa Senhora do Desterro passou a denominar-se Florianópolis”.

Conforme Beléssimo (2010, p. 60), Desterro foi um importante polo de negociações, pois “era no Porto de Desterro que se desenvolviam as principais relações comerciais, e rapidamente, a vila consolidou-se como o centro comercial da região”.

Figura 3 – Vista de Desterro/SC e seu Porto em 1875, por Oscar Constatt.



Créditos: Onde está Desterro? Disponível em: [https://www.ondeestadesterro.com.br/o\\_marinheiro.html](https://www.ondeestadesterro.com.br/o_marinheiro.html).

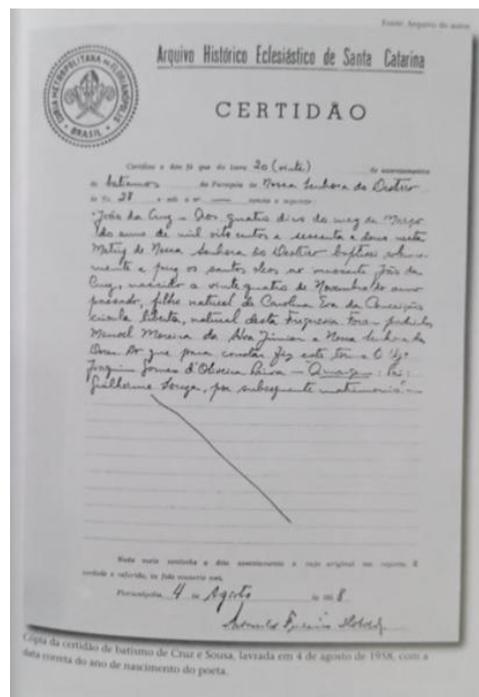
Portanto, prossegue Beléssimo (2010) em seus relatos, dizendo que, para a esquerda, para quem olhava de frente à matriz, as residências dos abastados foram surgindo e, do lado oposto, o povoamento das classes populares em cortiços formados por escravizados libertos e outros desterrados. Foi nessa conjuntura desterrense que nasceu João da Cruz e Sousa.

## 2.1 Quem foi Cruz e Sousa?

A história registra, no século XIX, o nascimento de um menino, filho de negros escravizados libertos, que se tornaria escritor, João da Cruz e Sousa. As fontes que narram a história do poeta são diversas, e cada autor relata fragmentos, conforme o que considera mais importante. Após um diálogo com vários autores, optou-se por fontes que, em sua historiografia, ao reescrever os fatos, responderam os meus questionamentos, para elaborar a presente pesquisa.

Por isso, inicia-se o relato da trajetória de João da Cruz e Sousa de acordo com Alves (2008, p. 13): o poeta nasceu em 24 de novembro de 1861, na cidade de Desterro, filho de “Guilherme da Cruz, que era escravo do marechal-de-campo Guilherme Xavier de Sousa e sua esposa Clara Angélica Xavier de Sousa. Sua mãe Carolina Eva da Conceição, lavadeira e cozinheira, já estava liberta na época”.

Figura 4 – Certidão de batismo de Cruz e Sousa, Desterro/SC.



Créditos: ALVES (2008, p. 241).

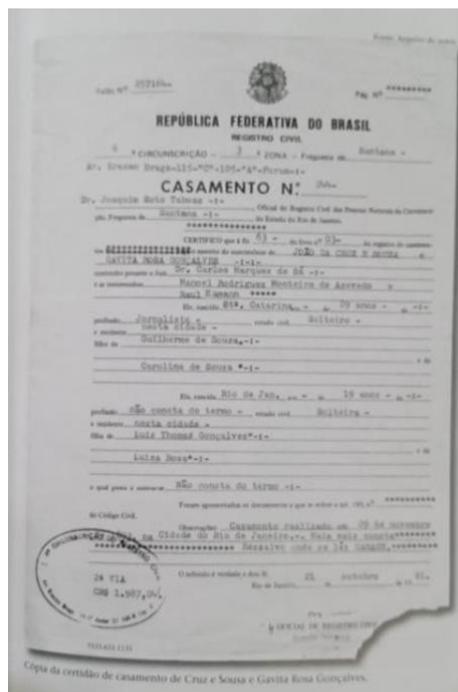
Outrossim, Farias (2008, p. 22), com o intuito de mais informações sobre a árvore genealógica do menino, menciona que “os bisavós devem ter chegado, provavelmente em algumas dessas viagens num desses chamados navios negreiros, tão frequentes naqueles tempos e que, por tantos anos, singraram os mares rumo às costas brasileiras”.

A raiz ou a origem da árvore genealógica do poeta Cruz e Sousa, na verdade, teve início remoto, em qualquer ponto obscurecido pelo tempo na África negra, no longínquo século XVIII ou XIX, a partir da espécie de indivíduos que no Brasil-colônia foram cognominados povos angolas, cabindas, benguelas, moçambiques e congos, conforme a nação (algo parecido com um reinado africano) que marcava as suas origens (FARIAS, 2008, p. 22).

Prosseguindo, Alves (2008, p. 22) relata que os ancestrais paternos do escritor nasceram em Desterro: “seu avô paterno chamava-se João, escravo de Francisco de Sousa Fagundes, e a avó Luísa Rosa da Conceição, também escrava e que, no nascimento de João, seus pais não eram casados”. Depois, João ganhou um irmão, pois, em 6 de junho de 1864, nasceu Norberto.

Com a morte do Marechal Guilherme Xavier de Sousa, os pais do menino decidiram oficializar o casamento em 16 de agosto de 1871, na Capela Rosário, na cidade de Desterro, em Santa Catarina. Segundo Farias (2008, p. 24), o documento foi assinado pelo “Vigário Sebastião Antônio Martins, e como testemunhas, Francisco José Eleutério, Pe. Manoel Gama D’Eça, João José Fagundes e Virgílio José Paulo”.

Figura 5 – Certidão de casamento de Guilherme da Cruz e Carolina Eva da Conceição, Desterro/SC.



Fonte: ALVES (2008, p. 253).

Outro autor que acresce dados importantes sobre a trajetória de Cruz e Sousa é Pauli (1973, p. 13-47), quando menciona que sua trajetória pode ser dividida em três etapas:

Há um Cruz e Sousa de Santa Catarina que vai de seu nascimento em 1861 até 1890, entre 20 e 30 anos de idade, por suas ligações com o teatro estimulado pela inauguração em Desterro do Teatro Santa Isabel, quando tinha 14 anos; um Cruz e Sousa de idas e vindas pelo País de 1891 a 1897, onde suas idas e vindas referem-se às viagens feitas no Brasil, trabalhando em companhias teatrais no Rio Grande do Sul, todo o litoral do Brasil até o Amazonas, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Recife, Ceará, Maranhão, Pará; desde então, até seu falecimento prematuro em 1898, um Cruz e Sousa estabelecido no Rio de Janeiro.

Na época em que João nasceu, era de praxe pessoas influentes na sociedade apadrinharem crianças menos favorecidas, pois, no sistema social, quem protegia era a elite. Assim, o Marechal e sua esposa, que não tinham filhos, assumiram o apadrinhamento que favoreceu o crescimento do menino com regalias que outras crianças não tinham. Seu padrinho era influente na sociedade e, dessa forma, o afilhado tinha uma proteção especial, como a possibilidade de conviver no casarão junto a seu irmão com liberdade, bem como proporcionaram o estudo às duas crianças.

Conforme Pauli (1973, p. 16), “a família residia em um vistoso solar no centro urbano, o qual tinha na casa senhoril um amplo porão, onde a família de Cruz e Sousa morava, e onde nasceram João e seu irmão Norberto”. Assim, transcorreram seus primeiros 22 anos, protegido pelos pais e seus padrinhos.

Figura 6 – Casa onde nasceu Cruz e Sousa, na Vila de Nossa Senhora do Desterro/SC.



Créditos: Templo Cultural Delfos – Ano X – 2020.

Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2012/02/cruz-e-sousa-o-cisne-negro.html>.

Observa-se nos registros de Prandini (2011, p. 105-106), que a afinidade dos padrinhos com João era muito forte, e sua madrinha D. Clarinda decidiu lhe ensinar as

primeiras letras aos 4 anos de idade e, aos 7 anos, João lê seus primeiros versos para seu padrinho. Posteriormente, “começa a frequentar a escola pública do chamado velho Fagundes, professor e irmão de dona Clarinda, e apresenta-se em salões, concertos e teatrinhos, recitando poesias de sua autoria”.

Outrossim, em sua juventude, João foi caixeiro cobrador, jornalista e professor, mas se mantinha engajado nas letras, publicando nos pequenos jornais da capital da Província. Em 1870, ele teve, em sua adolescência, a primeira perda afetiva, seu padrinho, o Marechal Guilherme Xavier de Sousa, que, além de representar sua âncora familiar, era seu escudo em uma sociedade desigual. Conforme Pauli (1973, p. 17), “O Marechal deixou para a família de seu afilhado o uso de uma parte do solar em testamento, e a família dos ex-escravos continuou sob as vistas generosas de D. Clarinda, que goza de uma pensão oficial”.

De acordo com Prandini (2011, p. 106), João ingressa no curso médio no final de 1871, quando se reinstalava em Desterro aquele nível de ensino: “Até 1875, quando encerra o curso, aos seus 15 anos, aprendeu o português, francês, grego, latim, inglês, matemática, ciências naturais, destacando-se como excelente aluno em todas as disciplinas”.

Com relação ao número de negros escravizados em Desterro, Alves (2008, p. 20) relata que, embora com um baixo percentual, de acordo com dados estatísticos, “em 1861 a cidade tinha ainda 16.316 escravos; em 1864, 16.320; em 1867, 14.722; em 1874, 14.984; e em 1881, 10.281”.

Entende-se que João da Cruz e Sousa conviveu com o sistema escravocrata nos seus primeiros 20 anos de vida. Desse modo, a adolescência do poeta corresponde, cronologicamente, à lenta agonia do regime monárquico-escravocrata, um cenário político muito incerto e acirramento de ânimos entre republicanos e abolicionistas e seus limites sociais, em virtude do preconceito de uma sociedade onde o sistema político tinha como prioridade a elite.

De acordo com Pauli (1973, p. 16-17), no período de sua adolescência, “seus pais construíram sua residência da Praia de Fora, um bairro onde se concentrava a colônia alemã que influenciou, em alguns aspectos, Cruz e Sousa. Seu pai era um excelente construtor de obras e conseguiu recursos para a construção”. Era nessa casa onde o escritor se refugiava quando se sentia inseguro com as adversidades da vida, até 1890, quando mudou para o Rio de Janeiro.

A trajetória de João da Cruz e Sousa foi intensa em vários jornais de Desterro e outros locais, inclusive, com artigos abolicionistas. De acordo com Prandini (2011), ele conseguiu o

cargo de redator do jornal catarinense *O Moleque*, em maio de 1885 (o mesmo tinha formato reduzido, com ilustrações em litogravuras):

Depois de sua admissão, o cabeçalho do semanário passou a estampar na capa a seguinte frase: “Redação de Cruz e Sousa. Propriedade de uma Associação” – o que demonstra a liberdade para exprimir suas reivindicações como poeta negro do seu tempo.

*O Moleque* era basicamente escrito apenas por Cruz e Sousa. Essa é uma das razões pelas quais podemos atribuir ao poeta os pseudônimos Zat, Zot e Zut. Além desses, há registros de que ele usou, em outras épocas, pseudônimos diversos, como Felisberto, Filósofo Alegre, Heráclito, Zé K., Trac, Coriolano Scevola e Habitué (PRANDINI, 2011, p. 25-27).

Prosseguindo, Prandini (2011, p. 21) diz que, nos anos de 1884 e 1885, o poeta ficou sob a proteção de Francisco Luís da Gama Rosa, Presidente da Província, e ganhou cada vez mais visibilidade no cenário cultural de Desterro, mas, ao mesmo tempo, a dor do preconceito, quando, “ao deixar o governo, Gama Rosa nomeia Cruz e Sousa promotor de Laguna, mas a nomeação é impugnada”, pois uma comissão representando os interesses daquela cidade se dirigiu ao presidente Gama Rosa contestando a escolha. Observou-se que, no cenário da cidade, ocorriam debates ideológicos entre liberais e conservadores, crescimento da imprensa e desenvolvimento de inúmeros pensamentos filosóficos, bem como movimentos literários.

Em conformidade com Pauli (1973, p. 27), seus amigos o admiravam, pois era um jovem com postura impecável, e até seu grande amigo, Dr. Gama Rosa, registrou um “testemunho sobre o poeta Cruz e Sousa: era um negro de pequena estatura, com feições e organismo delicados, vibrando incessantemente o sopro de infinitas agitações”. Dando continuidade, Pauli (1973, p. 30) relata que “outros lhe descreveram o tipo geral de homem negro, de estatura regular, olhos cismadores, feições doces, voz timbrada sobre o forte, palavra fácil, quente, vibrátil”.

Conforme Prandini (2011, p. 29), logo após, no início de 1888, ano da Abolição, “Cruz e Sousa decidiu partir para a cidade maravilhosa, tendo ido morar, inicialmente na casa do amigo Oscar Rosas, pois ainda não havia conseguido empregar-se”. Por isso, em 1890, retornou a Desterro. Nesse tempo, ocorreu-lhe mais uma perda afetiva, a morte de sua mãe Carolina, em agosto de 1891.

Também, de acordo com Prandini (2011, p. 35), “a falta de sua mãe amiga contribuiu para que o Poeta desejasse formar uma família, e conheceu sua futura esposa, Gavita Rosa Gonçalves, em frente ao portão do cemitério, no bairro de Catumbi”. O encontro trouxe um alento para Cruz e Sousa, pois iria formar sua família:

Estiveram noivos por um ano até Cruz e Sousa equilibrar-se financeiramente e, em 9 de novembro de 1893, uniram-se em um casarão colonial, no centro do Rio de Janeiro, de propriedade do Dr. Antônio Monteiro, humanitário e abolicionista, do qual Gavita tinha sido escrava, na presença de seus pais Luiza Rosa e Thomé Luiz Gonçalves, ambos do grupo de negros cativos pertencente a Monteiro. Cruz e Sousa é nomeado praticante de arquivista da Estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro, em dezembro (PRANDINI, 2011, p. 108).

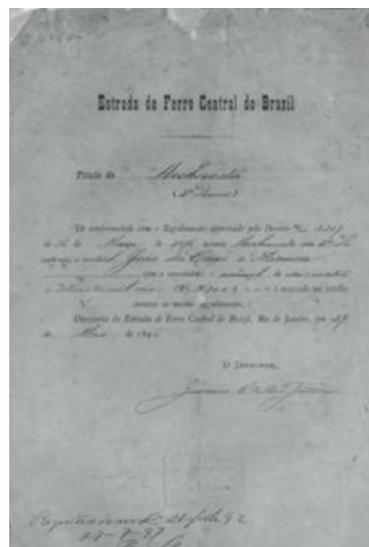
Prandini (2011, p. 108) declara que 1893 foi um ano de realizações para Cruz e Sousa, pois ele publicou seus livros *Missal*, em fevereiro, e *Broquéis*, em agosto: “Posteriormente, em 9 de novembro, casa-se com Gavita e inicia seu trabalho na Estrada de Ferro Central do Brasil, na Estação São Diogo, mas sua remuneração não supria todas as necessidades da família, além de ser um trabalho pouco intelectual”. Nessa época, o escritor morava no Centro, mas optou por mudar para Encantado, outro bairro carioca, para uma casa pequena.

Figura 7 – Estrada de Ferro Central do Brasil, Rio de Janeiro.



Créditos: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Estrada\\_de\\_Ferro\\_Central\\_do\\_Brasil.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Estrada_de_Ferro_Central_do_Brasil.jpg).

Figura 8 – Certificado de Arquivista, Rio de Janeiro.



Créditos: Catálogo da exposição “Cruz e Sousa: o Poeta da Ilha”, no Museu Histórico de Santa Catarina, de 3 a 29 de novembro de 2015 (p. 20).

Conforme Alves (2008, p. 335), com o restabelecimento de Gavita, que estivera doente, o casal voltou aos amores e, em 24 de julho de 1888, nascia Reinaldo, o terceiro filho: “Nascera fragilizado por ter sido gerado após o estado de loucura da mãe, pelos efeitos dos remédios que esta tomava e pelos primeiros sinais da doença do pai. Sua morte prematura ocorreu em 23 de maio de 1889”.

De acordo com Pauli (1973, p. 96), o ano de 1896 assinalou vários acontecimentos de pesar para João da Cruz e Sousa. “Além da doença de Gavita, a dificuldade financeira no cotidiano da família em meio à pobreza fez que abdicasse de seus gostos pessoais para manter a alimentação da família”:

Mal ia chegando ao fim do mal dessa loucura, vem o telegrama comunicando o falecimento de seu velho pai, em Florianópolis, sem que ao menos pudesse ter ido vê-lo em sua velhice. A morte guerreia também os filhinhos do poeta. Dos quatro, Raul, Guilherme, Reinaldo e João, morre dois em vida do poeta, ou seja, até março de 1898. Não tarda a falecer o terceiro em 1889. Em 1891 falecerá Gavita, também de doença pulmonar (PAULI, 1973, p. 97).

Após a morte do poeta, seu filho João conseguiu sobreviver até 1915, e deixou descendentes de sua linhagem, netos que foram contemplados com uma pensão. De acordo com o Governo de Santa Catarina, por meio da *Lei nº 6.652*, de 11 de outubro de 1985:

REAJUSTA O VALOR DA PENSÃO CONCEDIDA AOS DESCENDENTES DO POETA CRUZ E SOUSA.

Art. 1º É concedida aos familiares de Cruz e Sousa uma pensão mensal no valor de R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais).

§ 1º Existindo mais de um beneficiário, o valor da pensão será dividido proporcionalmente.

§ 2º O valor da pensão de que trata o *caput* deste artigo será reajustado quando ocorrer revisão geral do vencimento dos servidores públicos estaduais. (Redação dada pela Lei nº 14.280/2008.)

Art. 2º As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão à conta de dotação própria do Orçamento do Estado.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Florianópolis, 11 de outubro de 1985.

Esperidião Amin Helou Filho. Governador do Estado.

(SANTA CATARINA, 1985).

As fontes utilizadas escreveram sobre a trajetória de João da Cruz e Sousa com peculiaridades diferentes. Em vista disso, a coleta de dados foi laboriosa, pois se optou por autores que elaboraram sua biografia caracterizada por emoções na escrita. Eles, portanto, foram unânimes em elucidar fatos com relação ao potencial intelectual do escritor e poeta. E a sociedade de Florianópolis possui um patrimônio cultural que deve ser preservado para as gerações vindouras.

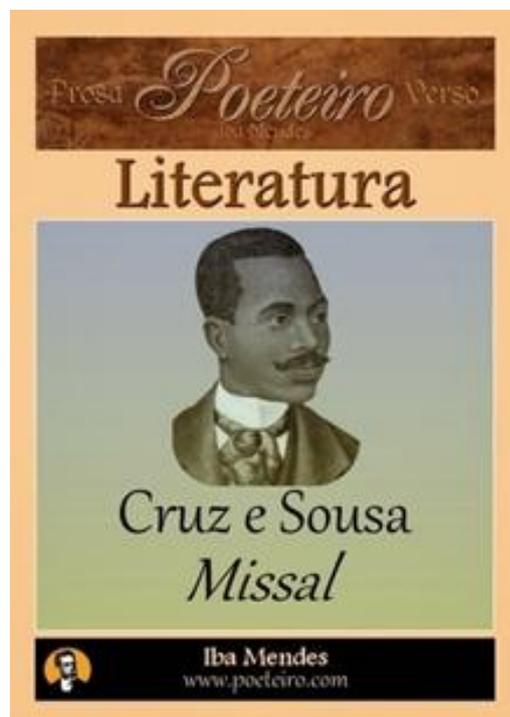
## 2.2 Escritor João da Cruz e Sousa, o poeta, o jornalista e o profissional

As obras do poeta registraram suas percepções, sensações, emoções e sentimentos em vida, e também a decepção, o desencanto com sua época e a desigualdade social. Quem ler seus livros, ao fechar a última página, poderá ter a certeza de que a sequência de obstáculos que ocorreram em sua trajetória impulsionou o poeta a desnudar sua alma aflita e, entre fantasmas e lágrimas, grafar em pergaminhos rotos o sentimento de derrota.

De acordo com a documentação na Biblioteca Nacional, *Série Documentos Literários – João da Cruz e Sousa* (2016):

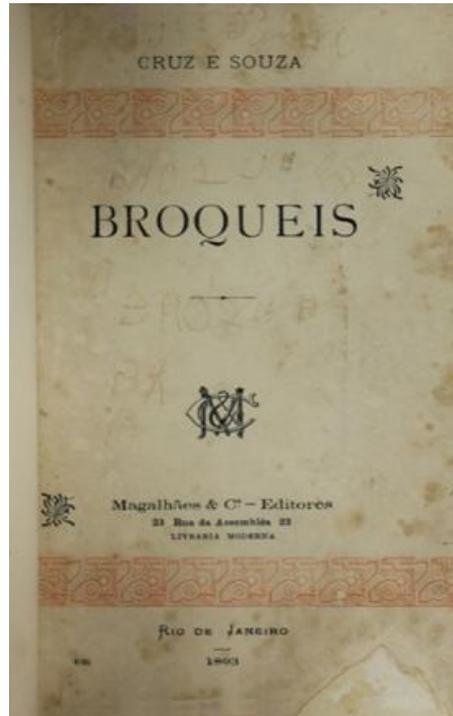
Deixou vários poemas que seriam publicados em livros póstumos, sem que, contudo, alcançassem a importância de “Missal” e “Broquéis”, obras precursoras do Simbolismo no Brasil. A crítica internacional o considera um dos maiores expoentes do movimento nas letras ocidentais. Seus poemas, que lhe valeram as alcunhas de “Dante Negro” e “Cisne Negro”, caracterizam-se pelo uso de imagens fortes e evocativas.

Figura 9 – Capa do livro *Missal*.  
Lançamento no Rio de Janeiro.



Créditos: <http://www.bibliologista.com/2014/04/missal-de-cruz-e-sousa.html>.

Figura 10 – Capa do livro *Broquéis*.  
Lançamento no Rio de Janeiro.



Créditos: <http://www.bibliologista.com/2014/04/missal-de-cruz-e-sousa.html>.

Além disso, a Fundação Catarinense de Cultura (FCC), no Espaço Cruz e Sousa, em 27 de fevereiro de 2018, elenca suas obras de forma cronológica:

“Tropos e Fantasias” (1885), em conjunto com Virgílio Várzea; “Missal” (1893); “Broquéis” (1893); “Evocações” (1898); “Faróis” (1900); “Últimos Sonetos” (1905); “O Livro Derradeiro” (1961); “Outras Evocações” (1961); “Dispersos” (1961).

Conforme Pauli (1973, p. 71), a obra poética, de fundo abolicionista, é representada por “4 sonetos: 25 de Março, Escravocratas, Dilema (de Cambiantes) e Auréola Equatorial (Outros sonetos), e em 4 poemas: Na Senzala; Grito de Guerra; Entre Luz e Sombra; Sete de Setembro”. Entre suas idas e vindas, Cruz e Sousa, quando residia no Rio de Janeiro, conseguiu publicar suas poesias na imprensa local: “Novidades: Doente (15-6-1885); Lirial (14-1-1884); Manhã (21-1-1889); Aspiração (3-4-1889)” (PAULI, 1973, p. 72).

Igualmente, em seu trabalho jornalístico, Cruz e Sousa foi um ferrenho defensor do abolicionismo e demonstrava isso através de suas poesias, jornais e palestras. Ainda jovem, em 1881, fundou o *Jornal de Literatura Colombo*. Conforme relata Alves (2008), os exemplares ainda existentes estão guardados na seção de obras raras da Fundação Biblioteca

Nacional, no Rio de Janeiro. Encontrou-se na Hemeroteca Digital Catarinense, sobre o *Jornal Colombo*, Desterro (1881 – BPSC – Rolo V), reportagens com as seguintes tiragens:

1881, cujo conteúdo já tinha certa conotação abolicionista. No dia 14/5/1881 – Anno I, Numero 2, Cruz e Sousa escreveu um folhetim com Sorrisos e Lágrimas de Margarida. No dia 21/5/1881 – Anno 1, Numero 3, continuação de Sorrisos e Lágrimas de Margarida, e na coluna de literatura escreveu duas poesias, A Vida e Trevas e Luz. No dia 28/5/1881 – Anno 1, Número 4, a continuação de Sorrisos e Lágrimas de Margarida, e na coluna de literatura escreveu uma Crônica, O Trabalho e, na coluna de literatura, o Soneto (Diatribes). No dia 9/7/1881 – Anno 1, Número 9, escreveu uma poesia para o decênio de Castro Alves.

Em conformidade com Prandini (2011, p. 106-107), outra participação de Cruz e Sousa em jornais ocorreu em 1882, na redação do jornal “Tribuna Popular, um jornal abolicionista. Na oportunidade, desenvolvia-se uma acirrada polêmica pró e contra o realismo, conhecida como Guerrilha Catarinense”. Em 1890, ele se muda definitivamente para o Rio de Janeiro, e colabora como jornalista no jornal catarinense “Novidades e na Revista Ilustrada de Ângelo Agostini”.

De acordo com Pauli (1973, p. 68-69), em 1885, é publicado, em coautoria com Virgílio Várzea, seu primeiro livro, *Tropos e Fantasias*. Nessa obra está escrito um conto, “O Padre”, com meia dúzia de páginas que revelam “a acomodação da Igreja Católica com relação à escravatura”. Assim começa o referido texto:

Um padre escravocrata!... Horror! Um padre, o apóstolo da Igreja, que deveria ser o arrimo dos que sofrem, o sacrário da bondade, o amparo da inocência, o atleta civilizador da cruz, a cornucópia do amor, das bênçãos imaculadas, o reflexo de Cristo... Um padre que comunga, que bate nos peitos, religiosamente, automaticamente, que se confessa, que jejua, que reza o *Orate, Frates*, que prega os preceitos evangélicos, bradando aos que caem *surge et ambula*. Um escravocrata de... batina e breviário... horror! Fazer da Igreja uma senzala, dos dogmas sacros leis de impiedade, da estola um vergalho, do missal um prostíbulo... Um padre amancebado com a treva, de espingarda a tiracolo como um pirata negreiro, de navalha em punho como um garoto, para assassinar a consciência.

De acordo com registros no Projeto Afro Santa Catarina – Acervo UFSC, Cruz e Sousa, com sua postura na defesa do abolicionismo, gerou inúmeras polêmicas junto às classes governantes e à elite local, pois não tinha medo das palavras e usava-as com vigor contra todas as injustiças sociais em seu cargo de redator-chefe do jornal *O Moleque*, que não teve grande duração, pois, em suas reportagens, fazia duras críticas sobre o abuso de autoridade e escândalos que ocorriam em Desterro:

A imparcialidade, a crítica, a independência de ideias, obrigam-nos a arremessar os tropos mais valentes, os anátemas mais furiosos, sobre tantos desmandos e vergonha. Considerava que ainda no coração dos abolicionistas honestos o lema era liberdade, a igualdade e a fraternidade, mas infelizmente em outras mentes os instintos animalescos eram alimentados pelas trevas (PROJETO Afro Santa Catarina – Acervo/UFSC).

Conforme Pauli (1973, p. 82-83), relata-se que, entre suas idas e vindas, embora sua passagem pelo Rio de Janeiro tenha sido por curto tempo, Cruz e Sousa conhece Nestor Vítor e B. Lopes, e tem a oportunidade de aprofundar-se na leitura “de autores como Villiers de L’Isle Adam, o que proporcionou a formação de seu espírito e contribuiu para o desenvolvimento pleno de seu realismo”. Por conseguinte, “com a influência de Oscar Rosas tem poesias publicadas no Jornal *Novidades*: Doente, Lirial, Manhã e Aspiração, e alguns meses após retorna a Desterro”.

Seu retorno completou o tempo de um ano e meio em Santa Catarina, o qual transitou com um sentimento de desilusão e desencanto com sua época, com a sociedade, e enquadra-se no lugar de vencido por todos os desafios intransponíveis como a falta de reconhecimento ao homem intelectual e sua dedicação à literatura. Registra-se que Cruz e Sousa, nesse espaço de tempo, parecia ser:

Um albatroz peregrinamente negro pousado num penhasco à flor das ondas, mas querendo desferir voo para outros horizontes, e de uma vez para sempre. Ainda com inúmeros anseios, em dezembro de 1890 decide afastar-se de sua cidade e muda-se para o Rio de Janeiro. Seus amigos publicaram no Jornal *Novidades*, dia 27, um soneto, *O Mar*, em homenagem ao Cisne Negro, a navegar sobre as ondas em sua longa viagem, de Santa Catarina ao Rio de Janeiro (PAULI, 1973, p. 83).

As fontes utilizadas escreveram sobre a trajetória de João da Cruz e Sousa com peculiaridades diferentes, mas foram unânimes em elucidar fatos com relação ao seu potencial intelectual. Conclui-se que a sociedade de Florianópolis possui um patrimônio cultural que deve ser preservado para as gerações vindouras. Pois as obras do poeta registraram o desencanto em sua época, como a desigualdade social, e quem ler sua verve literária e seus artigos jornalísticos, ao fechar a última página, terá a certeza de que a sequência de obstáculos que ocorreram em sua trajetória o impulsionou a registrar seu sentimento de derrota.

### **2.3 Trajetória final de sua vida**

Conforme os relatos de Pauli (1973, p. 98-99), a doença do escritor se acentuou no final de 1897, com o diagnóstico de tuberculose galopante, acompanhado por sua dedicada

esposa, e entregou ao seu grande amigo Nestor Vítor seu testamento intelectual, “escrito em 12 de outubro, sua produção em três sonetos intitulados Pacto das Almas, Longe de Tudo e Almas das Almas, publicados em 1905 por Nestor Vítor, o livro *Últimos Sonetos*”.

Os autores Pauli (1973, p. 98-99) e Alves (2008, p. 366-367) relataram minuciosamente a sina que acompanhou João da Cruz e Sousa em seus últimos dias de vida, com a saúde física, emocional e financeira abaladas, as quais foram retratadas em suas últimas poesias, relatando a necessidade de recursos para alimentar a família e sua medicação. A imprensa encarregou-se de noticiar a gravidade de sua saúde física, e órgãos como o Centro Catarinense no Rio de Janeiro pediram ajuda às autoridades de Santa Catarina.

Ainda com tênues esperanças, decidiu mudar-se para a Estação do Sítio em Minas Gerais, para tratar sua tuberculose, pois a região geográfica oferecia um clima mais saudável. Contudo, a hora derradeira chegou três dias após e, em 19 de março de 1898, faleceu com 36 anos de idade. O poeta tinha amigos leais como José do Patrocínio, que se encarregou de dar-lhe um enterro cristão, e o seu corpo, dentro de um ataúde num vagão de trem utilizado para transportar animais, foi trasladado para o Rio de Janeiro, acompanhado de Gavita, sua fiel companheira grávida do quarto filho. Um carro funerário esperava o corpo na estação, e o féretro foi acompanhado pela família, amigos e curiosos.

De acordo com a transcrição encontrada em Paixão Melancólica sobre *Cruz e Sousa* – Obra completa, Volume 1, Organização e Estudo de Lauro Junkes, Presidente da Academia Catarinense de Letras, é mencionado que o poeta paraibano Carlos Dias Fernandes, em 1898, na ocasião do falecimento de João da Cruz e Sousa, fez um relato sobre o acontecimento:

Somente os quatro amigos, sensibilizados, chorosos, inconsoláveis, compareceram à Central, para receber os despojos estremecidos. Tibúrcio, Jubim, Frederico e Nestor acorreram, solícitos, ao cumprimento do cruciante dever. Foi uma surpresa que a todos colheu e consternou, quando estavam justamente no limiar de uma grata expectativa. O trem parou, os passageiros, despreocupados, desceram; foi mister atingir a cauda do comboio, onde vinha o corpo no chão do carro, sobre uns papéis estendidos à guisa de lençol, sem uma flor, sem uma grinalda, sem uma luz. Foi indescritível a cena de dor desenrolada no “wagon” sem janelas, sem bancos, onde se transportavam muares e bois, para o tráfego e açougues da cidade. No leito sujo, que as bestas conspurcavam, jazia imóvel, pequenino, envolto no seu único terno marrom, o “homem apocalíptico”, que tivera sempre um sorriso e um hino para todas as galas da natureza, que cantara a vida, o amor e a morte, com todas as transcendências da sua exaltação iluminada. Quando estavam todos na perplexidade do enterro, entreolhando-se, aflitos, no esbarro brutal daquela emergência, eis que chega Patrocínio, se curva perante o morto, chama Frederico de parte:

— “Mande fazer o enterro de primeira, por minha conta, e uma harpa de lírios, na Rosenvald.”

O sepultamento foi naquela mesma tarde, sem acompanhamento e sem fausto. Raros amigos, alguns curiosos. Sobre o esquife, a harpa de Patrocínio lembrava a jerarquia espiritual do morto, a fidalga gentileza daquele voto de saudade. Os três habitantes de “O Antro” regressaram do cemitério, desconsolados e fúnebres como se

houvessem presenciado aos seus próprios funerais. Quebrara-se o elo forte, que fechava a pequena cadeia. Agora, a vida, sem o Cruz e Sousa, parecia erma, fastidiosa, sem finalidade. Era o espírito de uma época que se sumia na cova, deixando por imprimir os livros a que se imolara, com tanto desprendimento e tenacidade” — Carlos D. Fernandes. (Parte do livro *Fretana*. Disponível em ‘O Secular Soneto’).

(Disponível em: <http://www.paixaomelancolica.com/2018/03/carlos-dias-fernandes-o-amigo-do-poeta.html>)

Conforme Alves (2008, p. 364), “o enterro do poeta ocorreu em 19 de março de 1898, após as 12 horas, com um cortejo acompanhado por amigos e curiosos, até o Cemitério São Francisco Xavier, no bairro do Caju, no canteiro nº 1783, no Rio de Janeiro”:

Antes do caixão baixar à sepultura, falou Nestor Vitor muitíssimo emocionado, tendo ao lado a comadre, com voz embargada, do amigo morto precocemente, aos 36 anos de idade. A comoção foi enorme, indescritível, só repetida na missa de sétimo dia, realizada na Igreja de São Francisco de Paula, no largo do mesmo nome. Notícia de “O Debate” falava da solene missa que seria custeada pelo jornalista José do Patrocínio.

Figura 11 – Túmulo de Cruz e Sousa, Cemitério São Francisco Xavier, Rio de Janeiro.



Créditos: Antenado na Escola – Simbolismo.

Disponível em: <http://antenaonaescola.blogspot.com/2011/08/simbolismo.html>.



O debate foi realizado no auditório da reitoria da UFSC, “tendo como mediador o jornalista José Geraldo Couto, crítico de cinema da Folha de S. Paulo, com a participação do público presente” (UFSC, 2008). O evento promoveu uma parceria entre a UFSC e UDESC, com o objetivo de promover a arte de um jeito diferente e ousado:

Durante o debate, Sylvio Back expôs a dificuldade de produção e exibição do filme. “O Brasil ainda é um país muito racista. Foi difícil encontrar lugares dispostos a exibir o filme.” O diretor ressaltou que seu filme foge ao comum, pois estimula a imaginação do espectador através de símbolos e sugestões, sugerindo que imagine e sinta determinados trechos do longa-metragem (UFSC, 2008).

Enfim, o relato de sua trajetória comprova que foi efêmera sua existência, entre devaneios, metáforas grafadas, alegria intercalada com tristeza, uma vida fadada à sina de conviver com o preconceito racial, sentimentos descritos em suas cartas, à família e aos amigos com pedidos, recomendações e agradecimentos.

Como diz Evaldo Pauli (1973) em sua frase “entre idas e vindas”, um sujeito catarinense que iniciou sua viagem em Desterro, no século XIX, e após o óbito retornou, no século XX, a Florianópolis, onde não existe uma morada definitiva para seus restos mortais. Sua vida pregressa lembra o Brasil na atualidade em muitos aspectos, pois mesmo sem senzalas, sem correntes, sem pelourinhos, o negro continua submetido ao preconceito, sendo assim, discriminado e colocado à margem da sociedade pela classe dominante.

### 3 MEMÓRIA DO ESCRITOR JOÃO DA CRUZ E SOUSA NA GRANDE FLORIANÓPOLIS

O presente capítulo tem como finalidade dialogar sobre conceitos de memória, esquecimento e identidade. Outro objetivo é identificar o discurso da sociedade e instituições sobre a identidade do intelectual Cruz e Sousa, e como as mesmas homenagens instigam sua memória, tendo como cenário a Grande Florianópolis. As principais fontes de pesquisa são: Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Meneses (2018), Nora (1983) e Pollak (1992), assim como outras instituições públicas com assuntos referentes ao tema. Os dois subcapítulos aqui presentes têm como intuito desenvolver os conceitos: *O entrelaçar da memória, esquecimento e identidade*; e: *Homenagens pós-morte ao escritor João da Cruz e Sousa na Grande Florianópolis*.

#### 3.1 O “entrelaçar” da memória, esquecimento e identidade

A memória nos acompanha desde um passado distante, pois faz parte do indivíduo ou de grupos sociais. Quando se diz ‘entrelaçar’, é porque se considera que a memória individual é constituída por lembranças, as quais estão armazenadas em nossos processos cognitivos e brotam como *insight*. Mas como a memória é seletiva, construída e organizada por cada indivíduo, ela se faz acompanhar do esquecimento, porém, é a memória coletiva que constrói a identidade cultural.

Quando abordamos os estudos sobre memória, também tratamos de identidade, individual ou coletiva, que tem como fim a continuidade através da reconstrução de sua historiografia. Halbwachs (1990, p. 26), “contrapõe a ideia de existir somente uma memória individual, pois segundo o mesmo só conseguimos rememorar fatos passados de nossa existência estando em contato com os outros, mesmo quando eles não estiverem presentes”; já que, em nossas memórias, evocamos lembranças do grupo ao qual pertencemos, seja ao contemplarmos uma pintura, ouvirmos uma música, aspirarmos um aroma, observarmos uma edificação, a leitura de um livro, etc.

Le Goff (1990, p. 423) também nos fala da memória do campo das ciências humanas, em duas áreas interdisciplinares, como História e Antropologia, que se ocupam mais com a memória coletiva: “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em

primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

De acordo com Meneses (2018, p. 2), a memória “tem passado e presente, a memória tem história” e, para que ambos os ciclos se perpetuem e a memória social permaneça, torna-se necessário o fortalecimento dos grupos sociais, pois a perda dessa memória resulta da morte da identidade de uma sociedade.

Conforme o olhar de Pollak (1992, p. 5) sobre os elementos constitutivos da memória:

[...] há uma estreita ligação entre a memória e o sentimento de identidade, no qual é o sentido da imagem de si, para si e para os outros, sendo a memória um dos aspectos que fazem parte do sentimento de identidade individual ou coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Além disso, o diálogo com Nora (1993, p. 9) nos traz um olhar importante sobre memória, o qual não poderia deixar de ser citado:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulação, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Prosseguindo, Nora (1993, p. 21-22) nos fala que “lugares de memória têm necessariamente três sentidos: material, funcional e simbólico, em graus diversos”. O mesmo autor cita como exemplo a noção de geração, que seria material, por seu conteúdo demográfico, mas funcional por hipótese, ao garantir, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão simbólica, em que um acontecimento ou experiência vividos por um pequeno número caracteriza uma maioria que dele não participou.

Considera-se que os argumentos de Pollak (1992), Halbwachs (1990) e Nora (1993) geram comparações a serem utilizadas para defender conceitos formadores de memórias, sejam elas individuais, que os têm como fundamento auxiliar em sua formação como indivíduos, ou as coletivas, que ajudam a caracterizar o grupo.

O ser humano passa seu tempo entre tarefas do cotidiano e o que lhe interessa de modo particular, ou seja, classifica, ordena, denomina e data, com a finalidade de construir sua memória, em outras palavras, armazenar seu passado para que seja lembrado nas próximas gerações. Com a morte física, esse patrimônio, na maioria das vezes, é doado a lugares específicos de memória coletiva.

Portanto, os meios de memória de João da Cruz e Sousa são diversificados, pois, além do seu trabalho jornalístico, sua produção literária passa a ser reconhecida a partir de sua morte, tanto em nível nacional quanto internacional, através de jornais, revistas, catálogos e publicações de obras póstumas.

### **3.2 Homenagens pós-morte ao escritor João da Cruz e Sousa na Grande Florianópolis**

Buscou-se, nesta subseção, conhecer a forma pela qual a sociedade de Florianópolis expressa a rememoração do poeta, através de grupos sociais e instituições públicas e privadas, por sua relevante notoriedade.

Em Florianópolis, “inaugura-se uma herma do poeta, no Largo Benjamin Constant” (MC; FBN, s.d., n.p.). Conforme notícias do Programa Santa Afro Catarina, a mesma foi erigida por iniciativa de grupos sociais, rememorando sua luta ferrenha contra a escravidão expressa em sua verve literária, mas também em jornais, com artigos e crônicas:

Por iniciativa dos integrantes do Centro Cívico Cruz e Sousa, núcleo presidido pelo então secretário do interior e historiador José Arthur Boiteux e constituído por escritores e jornalistas, por iniciativa dos integrantes do Centro Cívico Cruz e Sousa como Ildefonso Juvenal, Trajano Margarida e outros à margem da cena literária catarinense. No discurso de inauguração, Ildefonso Juvenal enumerou personalidades negras como André Rebouças, José do Patrocínio, Mestre Valentim, Tobias Barreto, Evaristo de Moraes, Juliano Moreira, Visconde de Jequitinhonha, Antônio Rebouças, todas figuras de destaque nas suas áreas de atuação, como era Cruz e Sousa na literatura nacional. Fazia-o em resposta à corrente que defendia a inferioridade intelectual dos negros. O poeta e artista Rodrigo de Haro lembra que o busto não era fixado ao pedestal e, por vezes, era levado em procissão por jovens irreverentes, na década de 1950. Havia dias em que amanhecia com flores e velas, segundo ele. O busto de Cruz e Sousa foi transferido para o jardim em frente ao Palácio Cruz e Sousa e, com bustos de outros catarinenses ilustres, circundava o monumento aos veteranos da Guerra do Paraguai quando foi furtado em agosto de 2013 (CADERNO Especial Cruz e Sousa, 100 anos; PROGRAMA Santa Afro Catarina. Disponível em: <https://www.facebook.com/santaafrocatarina/photos/a.387149574647104/2759959264032778>).

Figura 14 – Busto de Cruz e Sousa.  
Praça (depois Largo) Benjamin Constant – 1923, A República, 8/4/1923.



Créditos: Caderno Especial Cruz e Sousa, 100 anos.

Portanto, na Grande Florianópolis, sua memória e identidade foram rememoradas com o uso do seu nome em ruas dos municípios da região, assim como em escolas: no município de São José, fundada em 2002, que oferece Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio; no Distrito de Santo Antônio de Lisboa, em 2002, com uma escola privada conceituada, de educação básica, que oferece aulas de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio; no município de Tijucas, fundada em 2017, uma escola pública que oferece aulas no Ensino Fundamental e Médio. No bairro Areias, no Campeche, tem a creche Núcleo de Educação Infantil Municipal – NEIM Poeta João da Cruz e Sousa, fundada em 2019.

Além do mais, no bairro Rio Vermelho foi inaugurada, em 2018, a Editora Cruz e Sousa, como homenagem ao poeta simbolista João da Cruz e Sousa (1861-1898), autor de enorme prestígio literário, cuja obra e trajetória de vida influenciaram – e ainda influenciam – o despertar pela leitura em pessoas de todas as idades.

De acordo com o *site* G1 Santa Catarina, em setembro de 2014, os quatro bustos em bronze que representam personalidades históricas da cultura catarinense foram colocados na Praça XV. O escultor catarinense Plínio Verani foi um dos responsáveis pelo trabalho. Diz a mesma notícia que: “Os modelos seguem os padrões dos bustos anteriores, mas a estruturação interna e as feições dos rostos foram diferentes.”

Figura 15 – Busto de Cruz e Sousa  
colocado na Praça XV de Novembro em 2014.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

O local escolhido foi assertivo, pois a referida praça faz parte do Centro Histórico de Florianópolis e traz registros importantes sobre a colonização de Desterro, hoje com o nome de Florianópolis, com beleza paisagística ímpar, com o magnífico trabalho do artista local Hiedy Assis Corrêa, o Hassis, para a pavimentação da praça, em pedras portuguesas. A praça passou por um processo de renovação entre os anos de 1999 e 2000, o que incluiu uma revitalização no piso.

A praça possui bancos que estão sempre ocupados por pessoas que circulam nas imediações e sentam para absorver a energia da natureza, bate-papo com amigos, leitura de jornais e assistir ao cantar da passarada. Ademais, ela tem uma figueira centenária e um jardim. O poeta deve estar gratificado por ter sua memória em um espaço aberto onde é observado pelos olhares dos cidadãos.

Conforme a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, foi inaugurado um painel que ocupa os três paredões de um prédio ao lado do Museu Histórico de Santa Catarina, com o poeta retratado, em frente ao quintal do palácio que leva o seu nome. A execução da arte coube ao artista plástico Rodrigo Rizo, um jovem de 27 anos, paulistano e

radicado na Ilha há 18 anos, onde iniciou seus trabalhos. O mural de 900 metros quadrados está no paredão do edifício João Moritz, ao lado do jardim do museu. A pintura faz parte do projeto *Street Art Tour*. O artista conta que leu Cruz e Sousa pela primeira vez na escola:

Quando uma obra como essa é feita, coloca em evidência os símbolos que ali estão representados. Isso gera o debate e fomenta o conhecimento sobre determinado tema. Além disso, promove a valorização do artista de rua como agente multiplicador da cultura, pois coloca uma obra de arte ao acesso de todos na rua, afirma Rodrigo Rizo (FUNDAÇÃO Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2019. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?pagina=notpagina&noti=20845>).

Figura 16 – Artista Rodrigo Rizo pintando o painel.



Créditos: NS Total (29/06/2019). Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/painel-em-florianopolis-homenageia-poeta-cruz-e-sousa-e-chama-atencao-para-seu-legado>.

Igualmente, na ocasião da inauguração, em 29 de junho de 2019, o prefeito Gean Loureiro mencionou que é uma forma de rememorar o primeiro poeta simbolista brasileiro e o seu legado:

O objetivo é valorizar a cultura por meio da arte urbana, que é tão rica e plural. Quem ganha é a população que pode aproveitar essas obras de arte a céu aberto, e também a nossa cidade, que ganha mais vida, cor e cultura. A arte urbana é uma ferramenta importante e potente para a valorização dos traços culturais de uma cidade. A nossa capital está a ganhar uma linda homenagem ao poeta simbolista Cruz e Sousa, pelas mãos do Artista Rodrigo Rizo (PREFEITURA Municipal de Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?pagina=notpagina&noti=20845>).

Figura 17 – Pannel de Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

Em 2021, no mês do seu aniversário, João da Cruz e Sousa foi homenageado em dois eventos. O primeiro, de acordo com a Fundação Catarinense de Cultura (FCC), pois, anualmente, o Conselho Estadual de Cultura (CEC) premia personalidades catarinenses com a Medalha de Mérito Cultural “Cruz e Sousa”, criada através do Decreto nº 4.892 de 17 de outubro de 1994. Os agraciados receberam a medalha de maior honraria da área cultural no estado, dia 24 de novembro, data de aniversário do poeta simbolista, que dá nome à medalha. As normas foram publicadas em 7 de outubro de 2021.

Figura 18 – Medalha de Mérito Cultural “Cruz e Sousa”, 2021.



Créditos: FCC. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/23173-cec-sc-abre-consulta-publica-para-indicacao-de-agraciados-com-a-medalha-cruz-e-sousa-2021>.

De acordo com o Governo do Estado de Santa Catarina (2021) e o Conselho Estadual de Cultura (CEC), os nomes foram indicados e analisados pelo conselho que os selecionou:

Oito personalidades para receber a comenda. Aliduíno Zanella – Patrimônio; Jeruse Maria Romão – Letras; João Antônio Schmitz – Cultura Popular; Jorge Luiz Schröder – Artes Visuais; Marco Aurélio da Cruz Sousa – Dança; Rosilda Mara Moroso – Letras; Daniel Lucena (*in memoriam*) – Música; Banda Dazaranha (pessoa jurídica) – Música.

Conforme notícia da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, o segundo evento foi em 24 de novembro de 2021, quando o deputado Fabiano da Luz (PT) esteve com a trineta de Cruz e Sousa, durante a 1ª Conferência de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial em Santa Catarina, no Plenarinho da ALESC. Nessa oportunidade, o parlamentar entregou um documento simbólico reconhecendo João da Cruz e Sousa como promotor público devido ao direito que lhe foi negado em 1883. Foi numa quarta-feira (24/11/2021), quando fez 160 anos que o poeta nasceu em Florianópolis:

Com o objetivo de criar justiça e combater o preconceito racial, resgatamos politicamente a memória de João da Cruz e Sousa como Promotor Público por direito e mérito, declarou o deputado Fabiano. O parlamentar também é autor da iniciativa que denominou em 2020 o antigo Espaço Didático Cultural da Assembleia como Espaço Promotor Público e Poeta Cruz e Sousa (2021).

Figura 19 – Documento simbólico reconhecendo João da Cruz e Sousa como promotor público.



Créditos: Agência ALESC – Notícia 24/11/2021. Disponível em:  
[https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/gabinetes\\_single/fabiano-encontra-trineta-de-cruz-e-sousa-e-faz-homenagem-ao-poeta](https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/gabinetes_single/fabiano-encontra-trineta-de-cruz-e-sousa-e-faz-homenagem-ao-poeta).

Ao receber o documento, Emilene, a trineta de Cruz e Sousa, emocionada, fez um agradecimento:

“É extremamente emocionante eu, enquanto representante dos familiares de Cruz e Sousa que residem no Rio de Janeiro, enquanto mulher, enquanto negra, enquanto negra com nível superior, enquanto descendente desse homem visionário à frente do seu tempo, que eu não imagino o quão grande foi o esforço que ele fez pra eu hoje receber isso”, disse Emilene, em tom emocionado, ao receber o certificado, assinado também por Marcio de Sousa, presidente do Cepa (Conselho Estadual das Populações Afrodescendentes de Santa Catarina), um dos responsáveis por divulgar e manter viva a história do poeta (ALESC, 2021. Disponível em: [https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/gabinetes\\_single/fabiano-encontra-trineta-de-cruz-e-sousa-e-faz-homenagem-ao-poeta](https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/gabinetes_single/fabiano-encontra-trineta-de-cruz-e-sousa-e-faz-homenagem-ao-poeta)).

Portanto, ao encerrar este capítulo, acredita-se que o diálogo com o aporte teórico, o qual argumenta sobre a memória individual e coletiva, bem como sobre a identidade, revela-nos a necessidade da análise relevante sobre os conceitos que constroem e constituem a memória através dos atores sociais, guardiões da memória, pois são eles que mantêm a continuidade das informações, em direção à preservação do passado no presente.

Também se observa, em Florianópolis, que a sociedade contribuiu, através do nome do poeta, em locais públicos, como ruas, escolas, uma editora, sua foto pintada num painel e monumentos com o busto do poeta, para que sua memória não entrasse no patamar do esquecimento. Assim sendo, a memória e a identidade cultural de Cruz e Sousa fazem parte do processo histórico da cidade, o que mantém a unidade da sociedade em torno dos referenciais de identidade em comum. O recorte das homenagens foi a Grande Florianópolis, mas é sabido que todos os municípios de Santa Catarina, bem como o Estado Brasileiro, homenageiam o poeta Cruz e Sousa.

#### 4 PATRIMÔNIO CULTURAL DO ESCRITOR CRUZ E SOUSA NA GRANDE FLORIANÓPOLIS

Nos capítulos anteriores, conhecemos a trajetória do escritor João da Cruz e Sousa, o que comprova como foi efêmera sua existência, além de uma vida de convívio com o preconceito racial. Os autores discorreram sobre seu patrimônio imaterial, sua profissão de jornalista com artigos em vários jornais e sua verve literária, entre versos, prosas, poesias e sonetos, como precursor do Simbolismo no Brasil, e conhecido nacional e internacionalmente.

Observa-se que sua identidade ou seu reconhecimento está conectado com a cultura e a memória cultural formada por grupos sociais, e passa a ser pertencimento de uma sociedade; aspectos que corroboram para seu patrimônio cultural, como a identificação da memória e identidade. Por isso, João da Cruz e Sousa deixou um legado para a sociedade catarinense com seu patrimônio cultural material e imaterial. Na Grande Florianópolis, as homenagens ao poeta estão representadas pelo patrimônio material, como monumentos, um painel e seu nome em escolas, creches e uma editora.

Assim, este capítulo tem por objetivo dialogar sobre os bens culturais de natureza material e imaterial do escritor Cruz e Sousa, os quais estão sob a guarda do Museu Histórico de Santa Catarina, compostos por uma arquitetura tombada, o Palácio Cruz e Sousa, e o Memorial nos jardins do palácio que leva o seu nome. Escolheu-se como aporte teórico Cândido (2013), Ferrez (2016), Chagas (1994, 2003), Fundação Catarinense de Cultura (FCC, 2012), Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2019) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os conceitos são explanados nos seguintes subcapítulos: *História do Palácio Cruz e Sousa*; *Bens culturais móveis e imóveis do escritor João da Cruz e Sousa*; e: *Patrimônio musealizado do escritor João da Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina*.

Patrimônio é uma palavra que nos acompanha desde os primórdios da humanidade, sendo empregada para definir a herança familiar que circulava entre gerações, símbolo de riqueza e poder. Os conceitos foram adquirindo transformações, e hoje se pode dizer que seu significado é mais amplo, ou seja, os bens produzidos por nossos antepassados, entre significados de memórias individuais e coletivas que simbolizam nossas histórias, nossas raízes. Desse modo, preservar este patrimônio nos situa nos ciclos do tempo, passado, presente e futuro, pois é nossa herança, nossa riqueza, nosso legado cultural, que revelam a história de grupos sociais, comunidades e sociedades, bem como de nossa mãe pátria.

O conceito de patrimônio é definido pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), resultado dos debates internacionais, da elaboração de políticas públicas e de importantes

movimentações, principalmente por parte do Centro Nacional de Referências Culturais (CNRC) realizadas na década de 1980, que sensibilizaram o Congresso Nacional a reconhecer como patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial dos diferentes grupos formadores da sociedade, em seus artigos 215 e 216:

Ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e, também, ao estabelecer outras formas de preservação – como o Registro e o Inventário – além do Tombamento, instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos.

Para atender à determinação, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) criou o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, “que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR)”. Além disso, patrimônio imaterial é definido pela UNESCO através da *Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*, realizada em 17 de outubro de 2003, em Paris:

O Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes. O Patrimônio Cultural Imaterial não se constitui apenas de aspectos físicos da cultura. Há muito mais, contido nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo (Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por)).

Portanto, foi ampliada a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e, também, ao estabelecer outras formas de preservação, como o Registro e o Inventário além do Tombamento, instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos. O termo ‘tombamento’ passou a ser conhecido no Brasil, na década de 1930, a partir de sua utilização em uma das propostas da norma de proteção ao patrimônio histórico e artístico do país:

Conhecida como anteprojeto de Mário de Andrade (1936), e desde 1937, com a publicação do Decreto-lei nº 25/37, que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico do país, o termo passou a ser reconhecido como a ação do Estado ao colocar, sob sua tutela, bens cuja conservação fosse de interesse público, por seu valor histórico, artístico, arqueológico, etnográfico, paisagístico e bibliográfico (IPHAN, s.d., n.p.).

Do mesmo modo, foram criados os Livros do Tombo, que estão divididos em: Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Histórico; das Belas Artes; Artes Aplicadas. Neles estão inscritos os bens culturais em função do valor histórico, o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no Brasil, e que, de alguma forma, sua conservação seja de interesse público por estarem ligados a fatos memoráveis da história do Brasil.

#### 4.1 História do Palácio Cruz e Sousa

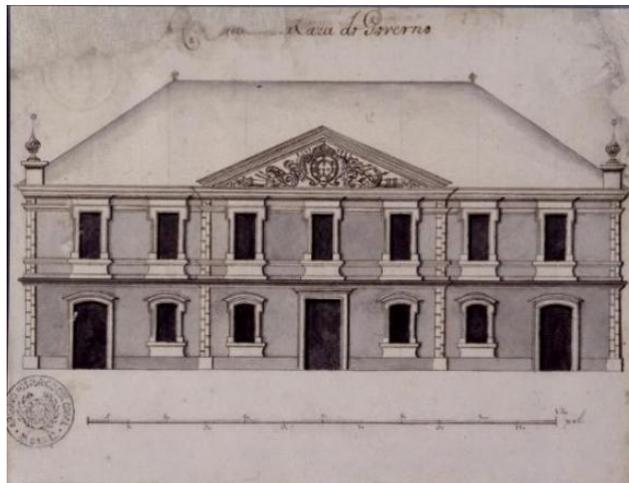
A história do Palácio Cruz e Sousa nos remete a um passado distante, pois a historiografia registra que, em meados do século XVIII, quando o atual governador, Brigadeiro José da Silva Paes, iniciou a construção da Casa do Governo (1739-1749), logo depois, chegaram os primeiros casais de agricultores açorianos. Segundo o Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa – Cartografia. Ms 1221/1224 – Casa Senhorial, de plantas antigas:

Legenda Piso Térreo: Cozinha – Cocheira – Caza de Criados de escada abaixo – Caza de Negros – escada de 3 lanços – Caza de Passagem – Tarimba dos Soldados do Corpo da Guarda – Saguão – Caza dos Officiais da Guarda – Cavalharice – Palheiro.

Legenda Piso Nobre: Copa – Casa do Tinelo – Caza de criados – Camera – Gabinete – Sala de Recebimento – Sala dos Officiais – Secretaria – Casa de Espera – Casa de hospedes – Casa de fogo.

De pequenas proporções, o projecto é composto por dois alçados e duas plantas, revelando no seu desenho um grande apuro conceptual. Enviado do Brasil para aprovação da Casa Real.

Figura 20 – Planta da elevação frontal da Casa do Governador em Florianópolis/SC (1747).



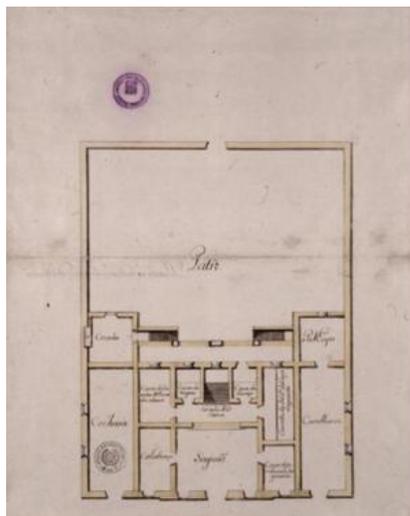
Créditos: A Casa Senhorial. Portugal, Brasil & Goa. Palácio do Governador de Santa Catarina (século XVIII).

Figura 21 – Planta da elevação dos fundos da Casa do Governador em Florianópolis/SC (1747).



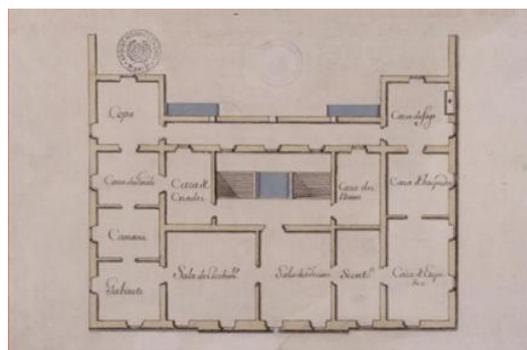
Créditos: A Casa Senhorial. Portugal, Brasil & Goa. Palácio do Governador de Santa Catarina (século XVIII).

Figura 22 – Planta do piso térreo da Casa do Governador em Florianópolis/SC (1747).



Créditos: A Casa Senhorial. Portugal, Brasil & Goa. Palácio do Governador de Santa Catarina (século XVIII).

Figura 23 – Planta do piso nobre da Casa do Governador em Florianópolis/SC (1747).



Créditos: A Casa Senhorial. Portugal, Brasil & Goa. Palácio do Governador de Santa Catarina (século XVIII).

Figura 24 – Casa do Governador em 1892, século XIX.



Créditos: Casa da Memória/Florianópolis/SC. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=casa+da+memoria&menu=4&submenuid=322>.

Ao lermos *Do Gabinete de Governo para o acervo do MHSC: Antônio Carlos Konder Reis, aspirações para um legado* (PELEGRIN, 2019), foi possível conhecer outros detalhes sobre a criação do Museu Histórico de Santa Catarina, o qual iniciou em 1978. A pesquisa informa que o museólogo e governador deste estado iniciou seu Curso de Museus no Museu Histórico Nacional, em 1944, no Rio de Janeiro, algo “fundamental para traçar sua atuação em questões como a criação do MHSC”, e “também compreender de que forma a museologia se encaixa no contexto do repertório de Konder Reis em relação à construção deste legado” (*ibidem*, p. 9). Ao referir-se ao legado, o mesmo trabalho menciona que, além de sua competência profissional, o museólogo e governador cedeu ao MHSC acervos pessoais.

Após várias tratativas para implantar um museu na cidade de Florianópolis, ficou decidido o que segue: “Assim, nenhum outro local, mais apropriado para se fixar como centro de memória política de Santa Catarina, do que a cidade de Florianópolis. Especialização a ser desempenhada pelo seu Museu Histórico de Santa Catarina” (PELEGRIN, 2019, p. 70). Mas era necessário encontrar um imóvel com condições específicas como um local de destaque:

Considerando a especialização do Museu de História Política e a existência de outro prédio, bem mais suntuoso, edifício marco da Capital, que é o Palácio do Governo à Praça XV de Novembro, permite-se sugerir que o ato da criação do Museu, ressalte desde já, que, a qualquer tempo em que este Paço deixar de ser sede do governo, fique reservado à sede do Museu Histórico de Santa Catarina (*ibidem*, p. 71).

O Palácio, que era a Casa do Governador, foi escolhido por sua historiografia, pois representava a história dos grandes vultos da sociedade catarinense no decorrer dos séculos. Assim sendo, entre 1977-78, ocorreram os preparativos finais para o funcionamento do museu. O governador Konder Reis, durante seu mandato, no dia 2 de março de 1979, oficializa a criação do Museu Histórico de Santa Catarina, instalado na Casa da Alfândega.

A Casa do Governador foi sendo modificada através dos séculos, mas sem perder seu *status* histórico. Na mudança republicana, por exemplo, ocorreu uma grande reforma adquirindo as características arquitetônicas preservadas até o presente. Em 1979, a edificação passou a denominar-se Palácio Cruz e Sousa, em homenagem ao grande poeta catarinense.

Em busca de respostas, sobre dados de como a Casa do Governador recebeu o nome de Cruz e Sousa, após longa pesquisa, obteve-se a informação necessária. De acordo com a Secretaria Executiva da Casa Militar do Governo de Santa Catarina, na biografia de Jorge Konder Bornhausen, Governador do Estado no período de 15 de março de 1979 até 14 de maio de 1982, entre suas obras na capital, “ampliou a Beira-Mar Norte e depois levou a avenida até a UFSC. O TAC (Teatro Álvaro de Carvalho) sofreu uma profunda reforma, assim como o Palácio Cruz e Sousa”, assim nomeado em homenagem ao poeta.

Figura 25 – Palácio Cruz e Sousa, século XX, 1979.



Créditos: Guia Floripa. Disponível em: <https://guiafloripa.com.br/cultura/museus/museu-historico-santa-catarina-palacio-cruz-sousa>.

De acordo com a Fundação Catarinense de Cultura (FCC), o prédio foi tombado como Patrimônio Histórico do Estado:

FCC – Fundação Catarinense de Cultura. Nome Atribuído: Palácio Cruz e Sousa – Museu Histórico de Santa Catarina. Outros Nomes: Museu Histórico de Santa Catarina. Localização: Praça XV de Novembro, nº 227 – Centro – Florianópolis-SC. Número do Processo: Nº 002/84. Resolução de Tombamento: Decreto nº 21.326, de 26/01/1984 (FCC, 1984, n.p.).

Outrossim, de acordo com o SEPHAN - IPUF - Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, o Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), que foi criado através da Lei

Estadual nº 5.476, de 4 de outubro de 1978, teve sua abertura em 4 de outubro de 1979, localizado na Casa da Alfândega em Florianópolis:

A mudança efetiva da Alfândega para o Palácio Cruz e Sousa ocorreu antes mesmo que a lei que transferia o MHSC para a nova casa fosse sancionada. No dia 5 de dezembro de 1986, ocorreu a solenidade em que o governador Esperidião Amin sancionou a lei que transferia definitivamente o MHSC e o IHGSC para o Palácio Cruz e Sousa. Na Lei n. 6.900, de 5 de dezembro de 1986, o Palácio passa aos cuidados do MHSC (SEPHAN, 1978).

Posteriormente, a edificação passou por nova reforma e, em 1986, o local foi reaberto com o nome de “Museu Histórico de Santa Catarina – Palácio Cruz e Sousa”. Dessa forma, entende-se que a manutenção da edificação, com cuidados de conservação por ser um patrimônio cultural tombado, está sob a responsabilidade da administração do referido museu.

Figura 26 – Palácio Cruz e Sousa, século XXI, 2020.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

Em diálogo com o que aborda o museólogo Chagas (IPHAN, 2003):

Há uma gota de sangue em cada museu e em cada bem ou manifestação patrimoniável. Sangue, suor, lágrima e outros tantos líquidos contribuem para os registros de memória e constituem aspectos da nossa própria humanidade. Museu, memória e patrimônio configuram campos independentes, ainda que articulados entre si. Eles são arenas políticas, territórios em litígio, lugares onde se disputa o passado, o presente e o futuro. Para além de todas as diferenciações, resta a execução de uma música para dança e, mais ainda, resta o reconhecimento de que o museu, o patrimônio e a educação configuram campos de tensão e intenção.

Observa-se a profundidade filosófica no argumento de Chagas (IPHAN, 2003), pois a história, na atualidade, confirma que museus “são arenas políticas, territórios em litígio, lugares onde se disputa o passado, o presente e o futuro”. Acredita-se que a escolha do nome de Cruz e Sousa para o museu foi muito conveniente para o Estado e o Município, pois uma edificação com o porte arquitetônico da Casa do Governador, instituição de poder da classe elitista, necessitaria de um patrono com notoriedade, embora as classes sociais de Desterro soubessem que, em vida, Cruz e Sousa era ferrenho em combater o poder e a escravidão.

O escritor Cruz e Sousa, em vida, devido à sua classe social, não deve ter adentrado nas portas da Casa do Governador, mas as decisões políticas da classe dominante não têm limite e atravessam a individualidade da classe dominada em vida ou em óbito. Não conseguiram, em vida, colocar correntes e marcá-lo a ferro, pois esse homem negro nasceu livre, mas conseguiram encarcerar seus restos mortais em urna para ser um objeto no museu. Ademais, o museólogo Chagas registra um conceito inquestionável para reflexão: “o museu, o patrimônio e a educação configuram campos de tensão e intenção” (IPHAN, 2003).

#### **4.2 Bens culturais móveis e imóveis do escritor João da Cruz e Sousa**

Neste subcapítulo, ocorrerá o diálogo sobre o patrimônio cultural material tombado e os bens culturais musealizados, que estão sob a guarda do MHSC.

Os bens culturais representam registros na história da sociedade através dos séculos, pois são portadores de referência à identidade, cultura e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade. Segundo o caderno de preservação de bens culturais do Instituto Brasileiro de Museus, através da declaração de interesse público, se diz que:

Bens Culturais são todos aqueles que se transformam em testemunhos materiais e imateriais da trajetória do homem sobre seu território. E eles tanto podem ser produzidos pela cultura humana quanto pela natureza. Bens musealizados são aqueles bens culturais que se encontram protegidos por museus, constituindo-se em patrimônio museológico do país (IBRAM, 2019, p. 8).

Posteriormente, foi promulgado o Decreto nº 3.551, em 4 de agosto de 2020, que:

Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Em seu Art. 1º fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro que serão

registrados em Livros Tombos: I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Sabe-se que estão sob a guarda do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC) os bens culturais da sociedade catarinense. Nosso primeiro diálogo é com os bens culturais imóveis (o Palácio Cruz e Sousa e o Memorial Cruz e Sousa) e, em segundo lugar, com os bens culturais móveis (documentais, bibliográficos, fotográficos e urna funerária com seus restos mortais).

O Museu Histórico de Santa Catarina possui cinco categorias de acervos sob sua responsabilidade, os quais formam o patrimônio cultural. De acordo com o *Regimento Interno do Museu* (2015), Capítulo IV – Do acervo – Art. 22, o acervo do MHSC é constituído por:

Acervo Arquitetônico: O Palácio Cruz e Sousa, tombado em 1984 como patrimônio histórico do Estado, é um importante exemplar da arquitetura eclética do final do século XIX, caracterizado por uma conciliação de estilos, como o barroco e o neoclássico;

Acervo Arqueológico: Proveniente de escavação realizada entre 2002 e 2003 nos jardins do Palácio Cruz e Sousa, conforme seu inventário, ele é composto por 68.517 peças, fragmentos de porcelanas, grés, ossos, entre outros, classificados como artefatos domésticos, de uso cotidiano dos séculos XVIII, XIX e XX, destacando-se talheres, louças, garrafas, escovas, etc.;

Acervo Arquivístico: São documentos relacionados com a história do museu desde o seu planejamento, na década de 1970, aos dias atuais, fundamentais para a memória institucional;

Acervo Bibliográfico: A Biblioteca Setorial do Museu Histórico de Santa Catarina é especializada em conteúdo das áreas de História de Santa Catarina, História de Florianópolis, Museologia e outras afins; bem como obras que têm valor de posse e de identidade com o Museu;

Acervo Museológico: Constituído por peças do século XIX e XX, tais como mobiliários, pinturas, esculturas, documentos impressos, medalhas, fotografias, armamentos, etc.

Posteriormente, ao ler o Capítulo IV – Do Acervo, em seu Art. 22, encontrou-se no item V, “bens culturais de caráter arquitetônico: a) bens imóveis: edifício Palácio Cruz e Sousa e Memorial Cruz e Sousa”. Portanto, vê-se que faz parte do patrimônio cultural o Palácio Cruz e Sousa, com início de sua construção sendo a Casa do Governador, no século XVIII, e rebatizado com seu nome no século XX, em 1979. A história do palácio encontra-se no subcapítulo 4.1.

Outro bem imóvel é o Memorial Cruz e Sousa, uma estrutura construída para lembrar uma pessoa que morreu. Seu motivo principal é exaltar o serviço prestado à sociedade por pessoas ilustres e, dessa maneira, rememorar seus feitos. Normalmente, possuem o nome da pessoa e uma lápide. No ano de 2009, é iniciada a construção do Memorial Cruz e Sousa, nos jardins do palácio, onde seriam depositados seus restos mortais, e um espaço de encontros literários.

Conforme informações da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), após inúmeras negociações, chegam a Florianópolis os restos mortais do poeta Cruz e Sousa: “A Fundação Catarinense de Cultura preparou uma cerimônia no Palácio Cruz e Sousa”, e o Secretário de Estado de Turismo, Cultura e Esporte, Gilmar Knaesel, destacou:

Uma equipe que cuidou de todo o processo de transferência dos restos mortais, que estiveram até hoje no cemitério São Francisco Xavier – conhecido como cemitério do Caju – no Rio de Janeiro. As reuniões aconteceram com os familiares do poeta catarinense, que vivem no Rio, e com a Santa Casa da Misericórdia, que administra o cemitério (FCC, 2018).

Prosseguindo a notícia, a Fundação Catarinense de Cultura (FCC, 2018) relata que, na visita dos descendentes de Cruz e Sousa a Florianópolis, a bisneta e a trineta transmitem oralmente informações sobre o poeta. Na oportunidade, D. Dina e Emilene relatam histórias contadas por parentes mais velhos, de que o antigo mausoléu de Cruz e Sousa, no cemitério São Francisco Xavier, era mantido pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Com relação aos restos mortais serem transferidos para Santa Catarina, concluíram que realmente a história dele está ligada a este estado, pois aqui passou grande parte de sua vida.

Desde que iniciei a pesquisa, um dos autores, Pauli (1973, p. 41), fez uma referência sobre “idas e vindas pelo país” com relação à trajetória de Cruz e Sousa em vida. Apropriei-me da citação com uma alteração para “idas e vindas pelo Museu Histórico de Santa Catarina”, desta vez, relacionada à pós-morte.

Ainda, de acordo com a Fundação Catarinense de Cultura, os restos mortais do poeta João da Cruz e Sousa saíram do Rio de Janeiro e chegaram a Florianópolis no dia 29 de novembro de 2009, com um aparato de homenagens, sendo colocados em uma sala para visitação (FCC, 2009).

Figura 27 – Chegada dos restos mortais de Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina.



Créditos: <https://curtadoc.tv/curta/literatura/cruz-e-sousa-a-volta-de-um-desterrado/2019>.

Assim sendo, o Museu Histórico de Santa Catarina abriu suas portas para receber autoridades e um número expressivo de cidadãos da sociedade. O aparato foi magnífico, com grupos de coral nas duas escadarias, soldados com roupa de gala guarnecendo a urna funerária e toque de corneta. Conforme os diretores, no curta-metragem *Cruz e Sousa, a volta de um desterrado*:

Sua chegada foi um evento marcado com honrarias, com a presença de autoridades e pessoas da sociedade. O esquife chegou ao Palácio Cruz e Sousa em um caminhão dos bombeiros, coberto com a bandeira de Santa Catarina. O pequeno baú ficou guardado no Museu Histórico, longe da vista de todos. A intenção do governo era inaugurar o Memorial Cruz e Sousa, nos jardins do Palácio, em 2008, aniversário de 110 anos do nascimento do poeta. Isso só aconteceu mais de dois anos depois, no dia 4 de maio de 2010 (CÁRDENAS; SCHLICHTING, 2017. Disponível em: <https://curtadoc.tv/curta/literatura/cruz-e-sousa-a-volta-de-um-desterrado/>).

Posteriormente, segundo informações da Fundação Catarinense de Cultura, “dia 6 de maio de 2017, às 16h30min, ocorreu a cerimônia de inauguração do Memorial Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina, no Centro de Florianópolis”. Cita-se também que:

A arquitetura do memorial contrasta com a do museu, mas segue critérios internacionais de arquiteturas históricas, que dá conta de que obras desta natureza devem seguir a arquitetura da época em que foi construída, embora a edificação seja integrada ao atual desenho dos jardins revitalizados do antigo Palácio (FCC, 2017. Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/noticias/8577-8577-inauguracao-memorial-cruz-e-sousa>).

Figura 28 – Inauguração do Memorial Cruz e Sousa em 06/05/2010.



Créditos: <https://ndmais.com.br/noticias/sete-anos-depois-memorial-cruz-e-sousa-continua-interditado/>.

É de conhecimento da sociedade que a promessa de um memorial para colocar os restos mortais de Cruz e Sousa foi cumprida, sendo inaugurado em 2010; porém, a estrutura foi abalada na edificação, pois, com deficiências como infiltrações, madeiras do deque apodreceram e as grandes portas de vidro ameaçam desabar, até que, dia 30 de maio de 2011, o engenheiro Paulo Roberto Gasparino da Silva, do Departamento Estadual de Infraestrutura (DEINFRA), após vistoria técnica, concluiu com um laudo que o prédio colocava em risco a vida dos visitantes. O memorial foi interditado pelo governo estadual e só será reaberto quando houver garantia de que todos os problemas estiverem sido resolvidos.

Figura 29 – Memorial Cruz e Sousa interditado no ano de 2019.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

De acordo com a Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte – Ata (14/2015), da sessão ordinária do Conselho Estadual de Cultura, realizada em 5 de outubro de 2015, na sala de reuniões do CEC, no Centro Integrado de Cultura em Florianópolis:

Em resposta ao Ofício nº 87 (em que o CEC solicitava informações sobre o andamento das obras do Memorial Cruz e Sousa), o Gerente de Patrimônio Cultural da FCC, Halley Filipouski, a pedido da Presidente da FCC, informou que devido à falta de acordo com a empresa responsável pelas obras, foram impetradas duas ações na justiça. Disse que uma ação, já deferida pelo juiz, envolve o aspecto técnico da obra: pleiteou-se perícia técnica em caráter de liminar, para, então, buscar-se reparação dos problemas ocorridos. Observou que nesta fase não se pode mexer na obra enquanto não há decisão judicial. A segunda ação, prosseguiu, busca ressarcimento de eventuais prejuízos, apesar de se ter conhecimento de que a empresa não existe mais (CEC, 2015).

Figura 30 – Suporte de madeira danificado no Memorial Cruz e Sousa.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

Outrossim, em 5 de dezembro de 2017, no jornal *Notícias de Santa Catarina*, o repórter Fabio Gadotti cita uma decisão que permite que a obra do Memorial Cruz e Sousa seja retomada em Florianópolis, e que o “Presidente da Fundação Catarinense de Cultura, o professor Rodolfo Pinto da Luz, está comemorando decisão da Vara da Fazenda Pública da Capital que, na prática, permite a retomada das obras do Memorial Cruz e Sousa, na área externa do Museu Histórico de SC. [...] Agora a fundação vai lançar uma nova licitação para contratação de uma empresa que entregue o memorial” (NSC, 2017).

Na busca de informações, optou-se por registrar o artigo do escritor Luiz Carlos Amorim, o qual relata os problemas ocorridos no Memorial Cruz e Sousa. Devido à sua

extensão, serão feitos recortes dos dados mais relevantes, mas vale a pena ler na íntegra o texto esclarecedor, *Um Memorial para Cruz e Sousa*:

[...] o local onde foi construído o Memorial é justamente o lugar onde ficava a senzala do casarão que hoje é o Palácio Cruz e Sousa. Os ossos do grande mestre do Simbolismo ficaram esperando todo esse tempo – três anos – para voltar à senzala. [...] Mais uma vez, o governo de Santa Catarina promete, mas não cumpre, ou cumpre pela metade. Prometeu espaço onde poder-se-ia realizar lançamentos de livros, sessões de autógrafos, homenagens ao poeta, como saraus, exposições, mostras, mas não deu condições para isso. [...] e ninguém percebeu que estava sendo construído em lugar impróprio do jardim do Palácio, que era muito pequeno, que não seria possível realizar nenhum evento em espaço tão exíguo? (AMORIM, 2017. Disponível em: <https://www.jornalevolucao.com.br/textos/18263/1/um-memorial-para-cruz-e-sousa#.YiQRPDjMLIU>).

Além disso, encontrou-se uma notícia na mídia relacionada ao depoimento de Maria Fernandes Moraes<sup>3</sup>, de Roteiros Literários (2020), sobre uma visita ao Museu Histórico de Santa Catarina, com uma reportagem intitulada *Aqui jaz um poeta*. Na informação noticiada, constava que o “palácio não tinha tido nenhuma ligação direta com Cruz e Sousa, apenas ganhara seu nome como uma forma de reconhecimento carinhoso”. A mesma informação esclarece meus questionamentos sobre a invisibilidade e o descaso com o Memorial Cruz e Sousa nos jardins do palácio.

Portanto, no século XXI, é grande a necessidade de mudanças de paradigmas nos museus, ou seja, de cumprirem sua missão junto à sociedade em sua totalidade, pois ela representa seus públicos, além de ofertar, como órgão emissor, conhecimentos diversificados, para que os públicos que representam o órgão receptor mudem seus conceitos sobre os museus. Um diálogo com Cândido (2013) nos traz uma equação com credibilidade sobre os museus “(memória + criatividade = mudança social)”:

Os museus desejam e trabalham para a mudança. A equação matemática que inspira a 23ª Conferência Geral do ICOM aponta que este trabalho surge de uma composição entre o frescor criativo e a memória construída e confiada a estes museus. Por trás desta equação, há inúmeros sujeitos cada vez mais fortalecidos: os profissionais e especialmente o público, cheios de aspirações, agindo como motores deste movimento. É a memória ativada pela criatividade no ambiente do museu que repercute na sociedade e promove mudança social.

---

<sup>3</sup> Em 2020, Maria fez uma visita ao museu acompanhada de uma guia, Simone de Lurdes Coelho, que trabalha lá há 14 anos. A guia já lhe havia adiantado que o palácio não tinha tido nenhuma ligação direta com Cruz e Sousa, mas recebera seu nome como uma forma de reconhecimento carinhoso. A recepcionista lhe indicou, então, a sala que fica à direita de quem entra no palácio, que é dedicada à biografia do poeta simbolista. Ali estão expostos vários quadros com cronologias que narram os fatos marcantes da vida de Cruz e Sousa e a história do prédio.

Em 1984, o Palácio Cruz e Sousa foi tombado como patrimônio histórico do estado e, em 1986, o Museu Histórico de Santa Catarina foi transferido para o mesmo; também, através da Lei nº 6.900, o Palácio passa aos cuidados do Museu, o guardião do patrimônio cultural catarinense. O decreto de tombamento e a lei de transferência do Museu foram assinados pelo Governador do Estado Esperidião Amin Helou. Posteriormente, no governo de Luiz Henrique da Silveira, em 2007, chegaram os restos mortais de Cruz e Sousa e, em 2009, foi construído nos jardins do Palácio o memorial funerário do poeta, com a finalidade de guardar seus restos mortais (o qual, um ano após, foi interditado devido ao risco de a estrutura desabar). Os dados mencionados agora nos fazem pensar nas idas e vindas dos restos mortais de Cruz e Sousa em seu palácio.

O que ocasionou o desabamento da estrutura? Má administração de políticas públicas? Falta de supervisão com pessoas capacitadas durante a construção da obra? Várias perguntas sem respostas, relatos e depoimentos sob a custódia da justiça. Entende-se que a instituição responsável para sanar esse descaso junto aos governos municipal, estadual e federal é o Museu Histórico de Santa Catarina, pois o Palácio e seu entorno passam por uma lei aos cuidados do Museu.

Mais um questionamento sem resposta. O Museu Histórico de Santa Catarina está cumprindo a legislação do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, promulgado pela Presidência da República, em seu Art. 19?

O proprietário de coisa tombada, que não dispuser de recursos para proceder às obras de conservação e reparação que a mesma requerer, levará ao conhecimento do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a necessidade das mencionadas obras, sob pena de multa correspondente ao dobro da importância em que for avaliado o dano sofrido pela mesma coisa (Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto\\_no\\_25\\_de\\_30\\_de\\_novembro\\_de\\_1937.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf)).

### **4.3 Patrimônio musealizado do escritor João da Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina**

Para realizar o estudo sobre um objeto é necessário visitar o local onde ele está situado. Minhas visitas ao museu iniciaram no ano de 2018, quando decidi pesquisar sobre a trajetória de João da Cruz e Sousa; porém, em nenhuma delas encontrei um funcionário para dar informações aos meus questionamentos, ou seja, um museólogo que cumprisse a Lei nº 11.904, promulgada em 14 de janeiro de 2009, um agente transmissor que comunica e expõe

o patrimônio material e imaterial com fins de educação e estudo ao agente receptor, públicos visitantes. Com relação ao museu, observou-se a organização, limpeza e educação no atendimento dos funcionários com quem fiz contato e, ao mesmo tempo, constatou-se a falta de informação especializada.

Sabe-se que um museu brasileiro, ao fazer suas exposições de acordo com o IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus, elabora um projeto, o qual passa por diversas etapas, com dois objetivos primordiais: o que expor do acervo e quem são os públicos que visitarão, na ocasião, o museu. Visitou-se o museu em uma das exposições sobre o poeta Cruz e Sousa e, ao adentrar a porta principal do palácio e olhar à direita, deparei-me com a Sala Cruz e Sousa.

O que vi lembrou o conceito de Desvallées (2013, p. 64) sobre museu: “transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite”; e também fluiu o desejo de conhecer os principais fatos sobre a trajetória do poeta. O local era espaçoso, as janelas iluminavam a sala e foi possível visualizar uma diversidade de objetos que fazem parte de seus bens culturais, um espaço físico para um personagem desterrense de renome que, com sua verve literária, inaugurou o Simbolismo no Brasil. As paredes estavam cobertas por painéis de comunicação visual onde estava relatada a história do Palácio e do Poeta.

Na entrada da sala, ao subir o degrau, encontrou-se um painel com o retrato do poeta Cruz e Sousa, um breve relato sobre a sua vida na posição horizontal e, na posição vertical, seu nome, “Sala Cruz e Sousa”.

Figura 31 – Recepção da Sala Cruz e Sousa no Museu Histórico de Santa Catarina.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

A figura a seguir, que é o retrato do poeta, faz parte dos bens culturais localizados na Sala Cruz e Sousa, e fica acima da urna funerária do poeta. Trata-se de uma obra artística de Willy Zumblick, de 1960.

Figura 32 – Retrato de Cruz e Sousa.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

O painel que estava na lateral esquerda referia-se à história do Palácio e do Poeta, desde o início de sua construção, as plantas da arquitetura, suas reformas ao longo dos anos, notícias de jornais e diversas fotografias.

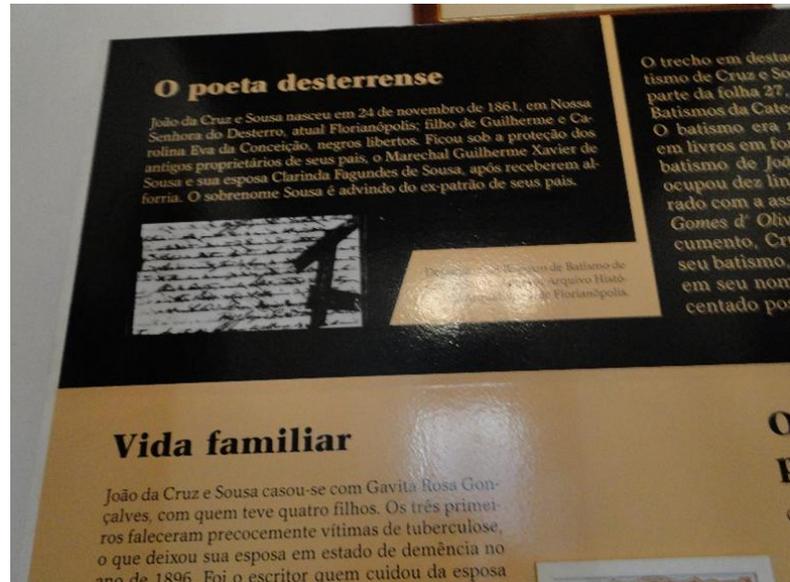
Figura 33 – O Palácio e o Poeta.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

Observou-se mais um painel que relata o nascimento do poeta Cruz e Sousa, com informações sobre o nome de seus pais e padrinhos, e também informa que o “Sousa” vem do sobrenome do padrinho.

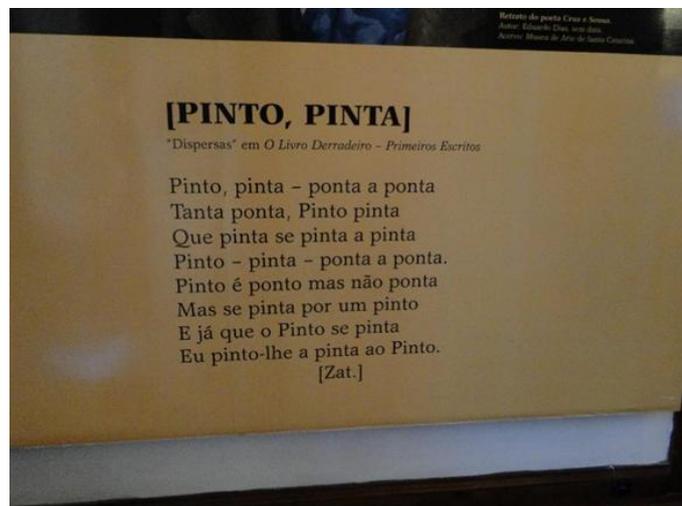
Figura 34 – Painel que relata aspectos da vida do poeta desterreense.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

O que segue é um painel com um dos primeiros escritos do poeta Cruz e Sousa: *Pinto, Pinta*, um poema na categoria de humorístico e irônico, segundo a Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (2003), um projeto de biblioteca digital que é mantido pela Universidade de Alicante, na Espanha.

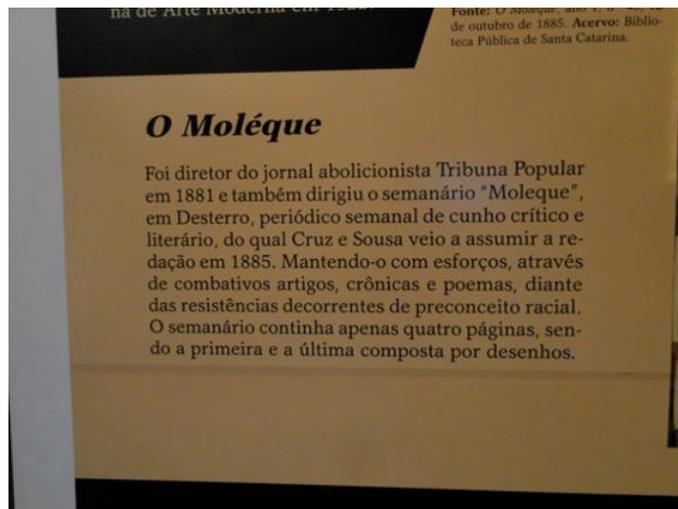
Figura 35 – Painel do poema *Pinto, Pinta* – verve literária de Cruz e Sousa.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

A próxima figura nos mostra fatos de sua vida profissional jornalística, como diretor do semanário *O Moleque*, um jornal abolicionista, com quatro páginas e a última com desenhos.

Figura 36 – O escritor Cruz e Sousa e o jornalismo.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

A figura abaixo nos mostra bens culturais do poeta Cruz e Sousa, que estão armazenados em um expositor envidraçado dividido com duas prateleiras, contendo: livros com poesias e prosas de sua autoria; *Cruz e Sousa: Dante Negro do Brasil*, escrito por Uelinton Faria Alves em 2008; diploma com homenagem da Câmara de Laguna/SC; e selo postal. Os objetos elencados estão protegidos de acordo com a Fundação Catarinense de Cultura (FCC), em sua Coleção de Estudos Museológicos e a análise de suas técnicas em conservação, por serem de suporte orgânico.

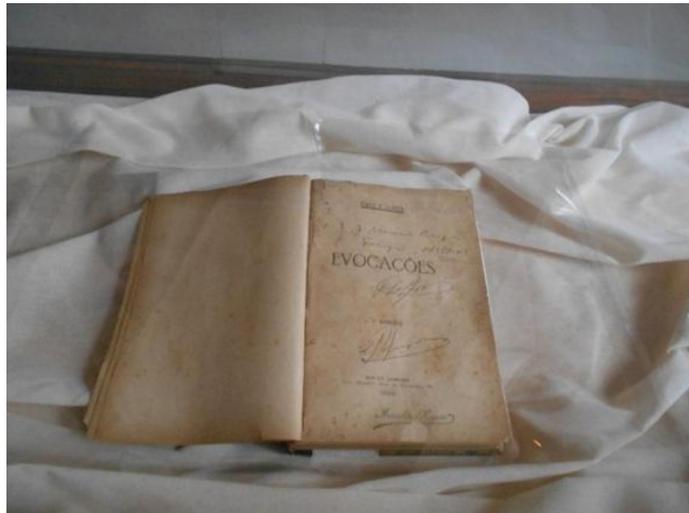
O papel necessita de cuidados especiais para sua conservação, devido aos efeitos causados pelo ambiente externo e interno, tais como: “físicos: temperatura, umidade relativa do ar, luz natural ou artificial; químicos: poeira, poluentes atmosféricos e o contato com outros materiais instáveis quimicamente; biológicos: micro-organismos, insetos, roedores e outros animais” (TEIXEIRA; GHIZONI, 2012, p. 16).

Figura 37 – Expositor com bens culturais do poeta Cruz e Sousa.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

Figura 38 – Expositor com o livro *Evocações*.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

Em seguida, observa-se o documento de traslado dos restos mortais de João da Cruz e Sousa do Rio de Janeiro para Florianópolis. O traslado passou por um processo rigoroso, e os restos mortais estão sob a responsabilidade do Ministério da Saúde / Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Resolução – RDC nº 68, de 10 de outubro de 2007: “Dispõe sobre o Controle e Fiscalização Sanitária do Traslado de Restos Mortais Humanos”.

Figura 39 – Documento de traslado dos restos mortais do poeta João da Cruz e Sousa.



Créditos: file:///C:/Users/Micro/Downloads/DOWN\_141211Catalogo\_Cruz\_e\_Sousa\_ebook%20(1).pdf

A outra imagem, a seguir, é de um objeto, urna funerária, um recipiente que tem a função de armazenar restos mortais e que segue normas sanitárias. No seu interior estão os restos mortais de João da Cruz e Sousa, permitido por leis brasileiras, citadas na figura anterior.

A urna funerária representa, para os públicos que visitam o museu, um símbolo visual do poeta; para os familiares, é a presença material que ali está armazenada; para a elite catarinense, por certo, é símbolo de poder. Enfim, observa-se um patrimônio cultural musealizado que pode ocasionar interpretações diferentes na interdisciplinaridade.

Figura 40 – Urna funerária com os restos mortais do poeta João da Cruz e Sousa.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

Sobre os objetos acima elencados, Pomian (1984, p. 53), em seu artigo, nos traz inúmeros conceitos a serem discutidos sobre objetos em museus como coleção e acervo. No caso em estudo, considera-se uma coleção por ter origem direta com o assunto Cruz e Sousa, onde estão inseridos um ou mais elementos.

Ainda, conforme o autor mencionado, qualquer conjunto de “objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público”; e, no que se refere à contribuição de Pomian (1984, p. 66, 71-72), os objetos “participam no intercâmbio que une o mundo visível e o invisível”:

Para o autor, visível são objetos com utilidade como para obter bens de subsistência, mas passíveis de modificações físicas se degradarem, um processo natural de envelhecimento e resultante de reações que ocorrem em sua estrutura, na busca de um equilíbrio físico-químico com o ambiente e o invisível, os semióforos que não têm utilidade, mas são testemunhos de uma cultura, os quais não são manipulados e expostos ao olhar, não sofrem usura. Desta forma, “as duas orientações, embora possam coexistir em certos casos privilegiados, são, todavia, opostas na maior parte das vezes”. Através do conceito do autor, entende-se que “uma coisa tem apenas utilidade sem ter significado”; “um semióforo tem apenas significado sem ter utilidade”; “objetos que podem parecer ao mesmo tempo coisas e semióforo”, mas todos necessitam de um olhar que lhe atribui sentidos. Com relação ao semióforo, ele torna-se pleno, quando se torna uma peça de celebração e, o mais importante, é que a utilidade e o significado são reciprocamente exclusivos, “quanto mais carga de significado tem um objeto, menos utilidade tem, e vice-versa”.

Prosseguindo, o mesmo autor dialoga sobre museus públicos que, com seus estatutos, mantêm o caráter de permanência enquanto instituição privada, e que, na maior parte dos casos, se dispersa após a morte de seu fundador. Museu é um depósito de tudo aquilo que, de perto ou de longe, está ligado à história nacional, “os objectos que aí se encontram devem ser acessíveis a todos; e pela mesma razão, devem ser preservados” (POMIAN, 1984, p. 84). Sem discordar do autor, esse “depósito” armazena os bens culturais de natureza material que representam o patrimônio cultural de uma sociedade, para expor a história do passado no presente e conservar a memória para gerações futuras.

Posteriormente, em fevereiro de 2020, encontrei a Sala Cruz e Sousa em um exíguo espaço físico, um ambiente silencioso, triste e gélido como um sepulcro, com odor desagradável não percebido na visita anterior. Seus bens culturais estão localizados em uma sala onde o assoalho (de madeira), provavelmente muito antigo, apresenta, após anos de sua instalação, manchas e desgastes que poluem seu visual pela perda do brilho.

A sala foi fotografada por dois ângulos. O primeiro, onde aparecem dois painéis, um que narra a produção literária e outro a jornalística.

Figura 41 – Primeiro ângulo dos painéis, um que narra a produção literária e outro a jornalística, 2020.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

Figura 42 – Segundo ângulo, que mostra a sala em seu conjunto.



Créditos: Acervo pessoal da acadêmica Vera Regina Cazaubon.

Observa-se que, no decorrer dos conceitos analisados nesta pesquisa, consta um número expressivo de fotografias, as quais são consideradas como “suportes de informações”, em conformidade com Chagas (1994, p. 6):

Por um lado, o documento é compreendido como “aquilo que ensina” (*doccere*) ou mais precisamente aquilo que pode ser utilizado para ensinar alguma coisa a alguém. O ensinamento, como se sabe, não emana e não está embutido no documento. Ele está, brota e surge a partir da relação que com o documento/testemunho se pode manter. Por outro lado, o documento é compreendido como “suporte de informações” que só podem ser preservadas e resgatadas através do questionamento.

Sabe-se que existem várias tipologias de museus, e o Museu Histórico de Santa Catarina já define, por meio da cultura material apresentada, que a instituição comunica ao seu público a história de grandes vultos catarinenses, onde prevalece a relevância histórica do seu acervo. Porém, se é um museu histórico, deveria ter equidade em seus acervos.

Também se observou que esses grandes vultos são formadores da classe dominante e, também, que o objeto de estudo pertenceu à classe dos dominados. Se a escolha do nome de Cruz e Sousa para rebatizar o Museu foi uma reparação histórica, isso não alcançou o patamar desejado, pois quando seus restos mortais chegaram a Florianópolis, sua sala estava localizada de acordo com a planta desenhada pelo governador da época, na fachada frontal do Palácio do Governador, e atualmente está em uma sala exígua na fachada posterior ou nos fundos.

Considera-se que os restos mortais do poeta passaram a ser um objeto museológico, a urna funerária, a qual pode ser considerada, possivelmente, “um objeto mito” que será reconhecido pela sociedade que elegeu sua identidade, enquanto preservarem sua memória. Com minhas visitas frequentes ao museu, concluí que os públicos devem exercer o seu pensamento crítico e conscientizar-se de que, em um museu, o viés político sempre estará no topo das intenções.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de um tema para o Trabalho de Conclusão de Curso é a realização da trajetória de aprendizado no decorrer do Curso de Bacharelado em Museologia. É aqui que os sentidos são aguçados, a bagagem de conhecimentos é testada, o profissional é instigado a elaborar questões e sair em busca de respostas ao conectar-se com o universo do patrimônio cultural, para os quais a sociedade atribui valor artístico, histórico e documental, e analisar com minúcia o porquê “as coisas são como são”.

Para realizar a pesquisa intitulada *Escritor João da Cruz e Sousa: análise de sua trajetória como patrimônio cultural*, buscou-se aporte teórico que ofertasse argumentos plausíveis inseridos na interdisciplinaridade, para uma visão ampla sobre os conceitos dissertados nos objetivos propostos. Considera-se que os objetivos elencados, os quais estavam no patamar de uma pesquisa com aporte teórico e consultas às instituições de nível federal, estadual e municipal, foram alcançados.

No primeiro capítulo, o aporte teórico foi unânime em retratar a trajetória do escritor Cruz e Sousa, possibilitando o fluir da interpretação dos dados e a conclusão de que a sua vida foi alicerçada em sonhos e devaneios, na busca de uma sociedade desterrada igualitária, expressando seus sentimentos através de sua verve literária e seus artigos abolicionistas publicados em jornais, uma forma de vencer o preconceito que cerceava sua existência. Ele aceitou suas alegrias como formação de uma família, ter amigos fiéis e ser considerado o primeiro simbolista brasileiro; e sua sina, uma vida efêmera, pois veio a falecer de tuberculose muito cedo, com a companhia da penúria financeira.

No segundo capítulo, o diálogo com os teóricos foi sobre a necessidade de preservar a memória a nível individual e social, para que não caia no patamar do esquecimento. Na busca de comprovação sobre a memória de Cruz e Sousa nos municípios da Grande Florianópolis, constatou-se que a memória coletiva, no decorrer dos séculos, contribuiu para a afirmação de sua identidade, por grupos sociais e instituições; uma memória simbólica, pois remete a um acontecimento vivido por um grupo de pessoas que já foram a óbito, mas trazem a representação para a maioria que não participou da sociedade do século XIX.

No terceiro capítulo, o ancoramento foi sobre teóricos e instituições que dialogam sobre patrimônio. Ali o estudo direcionou-se ao patrimônio cultural material e imaterial do escritor Cruz e Sousa. Observaram-se fatos que incidem em desabono às instituições governamentais (estadual e municipal), no que concerne à preservação do patrimônio material edificado, o “Memorial Cruz e Sousa”, que foi inaugurado em 6 de maio de 2010, porém

interditado por problemas na estrutura pouco tempo após a sua abertura, e que permanece fechado. Essa análise ficou sem resposta, pois depende da gestão de políticas públicas. Outro fato observado foi com o olhar de Conservadora e Restauradora de Bens Culturais Móveis/UFPel, com relação à conservação preventiva no assoalho de madeira da Sala Cruz e Sousa, para que patologias não venham afetar os bens culturais ali localizados.

Outro questionamento, no decorrer da pesquisa, foi sobre os seus restos mortais retornarem a Florianópolis para fazer parte das coleções no museu. Sabe-se que o Museu Histórico de Santa Catarina é voltado para a memória histórica deste estado, mas esquece de relatar a verdadeira história de Cruz e Sousa, pois a vida no século XIX lembra o Brasil atual em muitos aspectos: mesmo sem senzalas, correntes e pelourinhos, o negro continua perseguido pelo preconceito e, desse modo, carrega o estigma social pela sua cor.

Conclui-se com esta pesquisa que há um descaso de políticas públicas em relação à preservação e conservação do patrimônio cultural do Memorial Cruz e Sousa, que reforça o silenciamento da identidade do indivíduo na Grande Florianópolis. Identificou-se também que, no audioguia do Museu Histórico de Santa Catarina, que descreve os acervos culturais salvaguardados pela instituição, não se menciona a Sala Cruz e Sousa para os públicos que desejam conhecer a história do anfitrião que dá nome ao museu.

Ademais, Almeida (2019, p. 89) menciona que as tratativas sobre a legislação da questão racial iniciaram no Brasil em 1951 e que, posteriormente, a Constituição Federal de 1988 “trouxe as disposições mais relevantes sobre o tema, no âmbito penal, ao tornar o crime de racismo inafiançável e imprescritível, disposição que orientou a Lei nº 7.716 de 1989”. A cada década, uma nova lei é promulgada, como a de 1997, na qual foi incluído o artigo “140 no Código Penal, para que constasse o tipo penal da injúria racial ou qualificada” (*ibidem*).

Não faltam leis, mas sim aplicar aquelas já promulgadas, de forma rigorosa, mediante os órgãos que compõem a estrutura jurisdicional de nosso país, para que a luta abolicionista de Cruz e Sousa, feita no passado, resulte no presente em “uma sociedade igualitária”. Os séculos transcorreram e, no Brasil, temos a Lei nº 12.288/2010, que rege o “Estatuto da Igualdade Racial”. Se a referida lei fosse cumprida em sua totalidade, a mesma seria o instrumento necessário para direcionar os jovens desde a idade escolar, a fim de reconhecer o direito à voz, o respeito à cultura diferenciada, assim como a quebra da intolerância aos povos étnicos que formam a sociedade brasileira.

O escritor Cruz e Sousa nos deixou um legado sobre a resistência na luta contra o racismo estrutural, pois, embora não existam mais senzalas e pelourinhos no presente, os fatores se multiplicam. É de suma importância evocar sua memória, como modelo de força e

resistência, entre aqueles marginalizados pela cor. O Brasil necessita de inúmeros Cisnes Negros e Dantes Negros, tanto na oralidade como na escrita, em prol da equidade entre os seres humanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CASA Senhoril – Portugal/Brasil & Goa. **Anatomia de interiores**. Disponível em: <https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/fontes-documentais/plantas-antigas/199-palacio-do-governador-de-santa-catarina>. Acesso em: 03 fev. 2020.

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Normas da ABNT – 2021**. Disponível em: <https://www.normasabnt.org/>. Acesso em: 04 mar. 2021.

ACADEMIA Catarinense de Letras. **Agraciados com medalha Cruz e Sousa**. Disponível em: <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/cultura/conselho-estadual-de-cultura-divulga-nomes-de-agraciados-com-medalha-cruz-e-sousa-em-2021>. Acesso em: 01 dez. 2021.

AGÊNCIA Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução – RDC nº 68**, de 10 de outubro de 2007. Dispõe sobre o Controle e Fiscalização Sanitária do Translado de Restos Mortais Humanos. (Ministério da Saúde, 2007.) Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2007/res0068\\_10\\_10\\_2007.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2007/res0068_10_10_2007.html). Acesso em: 12 mar. 2020.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, Uelinton Farias. **Cruz e Sousa Dante Negro**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2008.

AMORIM, Luís Carlos. Nosso grande Cruz e Sousa na senzala. In: **A Tribuna News**, 2017. Disponível em: <https://www.tribunanews.com.br/artigos/nosso-grande-cruz-e-sousa-sousa-na-senzala>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ASSEMBLEIA Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC). **Deputado Fabiano da Luz encontra trineta de Cruz e Sousa e faz homenagem ao poeta**. 2021. Disponível em: [https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/gabinetes\\_single/fabiano-encontra-trineta-de-cruz-e-sousa-e-faz-homenagem-ao-poeta](https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/gabinetes_single/fabiano-encontra-trineta-de-cruz-e-sousa-e-faz-homenagem-ao-poeta). Acesso em: 06 dez. 2021.

ASSEMBLEIA Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC). **Lei nº 17.565**, de 6 de agosto de 2018. Consolida as Leis que dispõem sobre o Patrimônio Cultural do Estado de Santa Catarina. Disponível em: [http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2018/17565\\_2018\\_lei.html](http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2018/17565_2018_lei.html). Acesso em: 02 abr. 2020.

BELÉSSIMO, Angelo Renato. **Grandes fortunas em Santa Catarina**. Dissertação (2010). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3358/1/ulfl087140\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3358/1/ulfl087140_tm.pdf). Acesso em: 12 jan. 2020.

BIBLIOTECA da Câmara dos Deputados. **Decretos, Cartas e Alvarás de 1823**. Parte II, fl. 176, p. 51. Páginas da Legimp F\_84 PDF. Acesso em: 14 set. 2020.

BIBLIOTECA Nacional. **João da Cruz e Sousa**. Série Documentos Literários. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2016/11/serie-documentos-literarios-joao-cruz-sousa-sousa>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BIBLIOTECA Virtual de Cervantes. **Poemas Cruz e Sousa**. Universidade de Alicante, 2003. Disponível em: [http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/poemas-humoristicos-e-irnicos-de-cruz-e-sousa--0/html/ffc91a5c-82b1-11df-acc7-002185ce6064\\_1.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/poemas-humoristicos-e-irnicos-de-cruz-e-sousa--0/html/ffc91a5c-82b1-11df-acc7-002185ce6064_1.html). Acesso em: 19 dez. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 20 fev. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Federal nº 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm). Acesso em: 10 mar. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.906**, de 20 de janeiro de 2009. Da criação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/11906.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11906.htm). Acesso em: 23 mar. 2020.

- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Sobre a Resolução da 23ª Conferência sobre Museus** (memória + criatividade = mudança social). 2015. Disponível em: <https://www.icom.org.br/>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- CÁRDENAS, Cláudia; SCHLICHTING, Rafael. **Cruz e Sousa, a volta de um desterrado**. 2017. Documento Latino Americano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mlmTWkksFy4>. Acesso em: 12 set. 2020.
- CHAGAS, Mário. **Casas e portas da memória e do Patrimônio**. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/2980/2017>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- CHAGAS, Mário. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. **Revista Eletrônica do IPHAN**, 2003. Ministério da Cultura. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=145>. Acesso em: 14 set. 2021.
- CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área de documentação. **Cadernos de Museologia**, n° 2, 1994. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6456209>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- COLÉGIO Cruz e Sousa – Distrito de Santo Antônio de Lisboa. Disponível em: <http://www.colegiocruzesousa.com.br/>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- COLÉGIO Cruz e Sousa – Unidade no Município de São José. Disponível em: <http://www.colegiocruzesousa.com.br/>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- COLÉGIO São José – Unidade no Município de Tijucas. Disponível em: <http://www.colegiocruzesousa.com.br/>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- COLOMBO: Periódico Crítico e Literário – Desterro – BPSC – Rolo V – Div. 1881: n° 02: 14 de maio; n° 03: 21 de maio; n° 04: 28 de maio; n° 09: 7 de julho. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/cidades/desterro.html>. Acesso em: 11 mar. 2020.
- CRUZ E SOUSA, o Poeta da Ilha. Catálogo. 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Micro/Downloads/DOWN\\_141211Catalogo\\_Cruz\\_e\\_Sousa\\_ebook%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Micro/Downloads/DOWN_141211Catalogo_Cruz_e_Sousa_ebook%20(1).pdf). Acesso em: 14 abr. 2020.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos Chaves de Museologia**. Disponível em: <http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- EDITORA Cruz e Sousa. **Preservação, divulgação e promoção da temática étnico-racial no Sul do Brasil**. 2018. Disponível em: <http://www.editoracruzesousa.com.br/quem-somos-1>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- ESTADO DE SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte. **Ata (14/2015) da sessão ordinária do Conselho Estadual de Cultura**, realizada no dia 5 de outubro de 2015, na sala de reuniões do CEC, no Centro Integrado de Cultura, em Florianópolis/SC (2015). Acesso em: 10 set. 2021.
- FERREZ, Helena Dodd. **Tesouro de objetos do patrimônio cultural nos museus brasileiros**. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20190600/17110012-tesouro-de-objetos-do-patrimonio-cultural-dos-museus-brasileiros.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- FLORIPA Amanhã. **Cruz e Sousa no esquecimento**. 2012. Disponível em: <https://floripamanha.org/2012/09/cruz-e-sousasousa-no-esquecimento/>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- FUNDAÇÃO Casa Rui Barbosa. **Arquivo Cruz e Sousa**. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=FCRBCruzSousa&pagfis==2707>. Acesso em: 18 dez. 2020.
- FUNDAÇÃO Casa Rui Barbosa. **Inventário do Arquivo 10 “Cruz e Sousa”**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/turismo/pt-br/entidades-vinculadas/casa-de-rui-barbosa/centrais-de-conteudo/publicacoes/pdfs/copy6\\_of\\_INVENTRIODOARQUIVOCRUZESOUSA\\_PDF\\_2021.pdf](https://www.gov.br/turismo/pt-br/entidades-vinculadas/casa-de-rui-barbosa/centrais-de-conteudo/publicacoes/pdfs/copy6_of_INVENTRIODOARQUIVOCRUZESOUSA_PDF_2021.pdf). Acesso em: 14 fev. 2022.
- FUNDAÇÃO Catarinense de Cultura. **Aprovação do Regimento Interno do Museu Histórico de Santa Catarina**. 2015. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/mhsc/o-museu/17798-17798-normas>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- FUNDAÇÃO Catarinense de Cultura. **Conservação Preventiva de Acervos**. Lia Canola Teixeira e Vanilde Rohling Ghizoni. 2012. Coleção Estudos Museológicos. Volume 1.

FUNDAÇÃO Catarinense de Cultura. **Inauguração do Mural em homenagem a Cruz e Sousa**. 2019. Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/programacao/895-inauguracao-do-mural-em-homenagem-a-cruz-e-sousa>. Acesso em: 22 set. 2021.

FUNDAÇÃO Catarinense de Cultura. **Medalha de Mérito Cultural “Cruz e Sousa”**. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/?mod=pagina&id=5378>. Acesso em: 08 dez. 2021.

FUNDAÇÃO Catarinense de Cultura. **Restos mortais do poeta Cruz e Sousa**. 2017. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/6961-6961-restosmortais-de-cruz-e-sousa>. Acesso em: 22 fev. 2020.

FUNDAÇÃO Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes. **Mural homenageia Cruz e Sousa no Centro de Florianópolis**. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?pagina=noticia&noti=20845>. Acesso em: 14 out. 2019.

G1 Santa Catarina. **Bustos na Praça XV de Novembro**. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2014/09/bustos-da-praca-xv-sao-recolocados-no-centro-de-florianopolis.html>. Acesso em: 15 nov. 2019.

GADOTTI, Fabio. Decisão permite que obra do memorial Cruz e Sousa seja retomada em Florianópolis. *In: Notícias de Santa Catarina*, 05 dez. 2017. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/decisao-permite-que-obra-do-memorial-cruz-e-sousa-seja-retomada-em-florianopolis/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

GOVERNO do Estado/SC. **Conselho Estadual de Cultura divulga nomes de agraciados com a Medalha Cruz e Sousa**. 2021. Disponível em: <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/cultura/conselho-estadual-de-cultura-divulga-nomes-de-agraciados-com-a-medalha-cruz-e-sousa-em-2021>. Acesso em: 02 dez. 2021.

GOVERNO do Estado/SC. **Cria o Museu Histórico de Santa Catarina**. 1978. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/governo/sc/lei-ordinaria-n-5476-1978-santa-catarina-cria-na-capital-do-estado-o-museu-historico-de-santa-catarina-2018-08-06-versao-compilada>. Acesso em: 07 jul. 2019.

GOVERNO do Estado/SC. Secretaria Executiva da Casa Militar do Governo de Santa Catarina. **Biografia de Jorge Konder Bornhausen**. Reformas na Casa Governador. Disponível em: [https://www.scm.sc.gov.br/scm/cool\\_timeline/antonio-carlos-konder-reis-1975-1979](https://www.scm.sc.gov.br/scm/cool_timeline/antonio-carlos-konder-reis-1975-1979). Acesso em: 19 nov. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffer. São Paulo: Vértice, 1990.

HORA de Santa Catarina. **Obra do artista Rodrigo Rizo ocupa paredes de prédio ao lado da Praça XV de Novembro**. 2019. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/painel-em-florianopolis-homenageia-poeta-cruz-e-sousa-e-chama-atencao-para-seu-legado>. Acesso em: 22 jan. 2020.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Palácio Cruz e Sousa**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=441085&view=detalhes>. Acesso em: 20 nov. 2019.

INSTITUTO Brasileiro de Museus – IBRAM. **Caderno de Preservação de bens culturais**. 2019. Disponível em: [https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/caderno\\_Preservacao-de-bens-culturais\\_atualizado-Web.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/caderno_Preservacao-de-bens-culturais_atualizado-Web.pdf). Acesso em: 12 dez. 2021.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Livros Tombo**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/608>. Acesso em: 07 dez. 2021.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Patrimônio Cultural**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em: 02 dez. 2021.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Patrimônio Material**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 02 dez. 2021.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Tombamento**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livros%20do%20Tombo%20Dicion%C3%A1rio%20Iphan.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2021.

IPATRIMÔNIO – Patrimônio Cultural Brasileiro. **Criação do Museu Histórico de Santa Catarina**. Disponível: <http://www.ipatrimonio.org/florianopolis-palacio-cruz-e-sousa#!/map=38329&loc=-27.5968869999998,-48.55005000000001,17>. Acesso em: 22 nov. 2019.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1992 (p. 447).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010 (p. 155-171). Disponível em: <https://acervo.enap.gov.br/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?PUCSPbiblionumber=519134>. Acesso em: 18 set. 2021.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática. **Conferência de abertura do 10º Encontro Paulista de Museus**. São Paulo: Sistema Estadual de Museus de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Ulpiano-Bezerra-de-Meneses.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2021.

MINISTÉRIO da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Publica-se a primeira edição das: **Obras completas de Cruz e Sousa**. Organizadas por Nestor Vítor, em comemoração aos 25 anos da sua morte, em 7 de abril de 1923. Em Florianópolis, inaugura-se uma herma do poeta, no Largo Benjamin Constant. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000126.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

MINISTÉRIO Público de Santa Catarina. **Assinado projeto de lei que reconhece Cruz e Sousa como Promotor Público**. 2016. Disponível em: <https://mpsc.mp.br/noticias/assinado-projeto-de-lei-que-reconhece-cruz-e-sousa-como-promotor-publico>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MUSEU Histórico de Santa Catarina. **Acervo do Museu Histórico de Santa Catarina**. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/espacos/mhsc/acervo/19254-19254-sobre-o-acervo-do-museu>. Acesso em: 13 ago. 2020.

MUSEU Histórico de Santa Catarina. **Audioguia**. Visita *on-line* nas salas do museu. Disponível em: <https://izi.travel/pt/0c26-top-10-as-10-obras-imperdiveis/pt#9325-assoalho-em-marchetaria/pt>. Acesso em: 22 fev. 2020.

MUSEU Histórico de Santa Catarina. **Relatório final do grupo de trabalho visando à implantação do Museu Histórico de Santa Catarina**. Florianópolis, 20 de maio de 1977.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, nº 10, dez. 1993.

O ABOLICIONISTA. In: **Mallarmagens**, revista de poesia e arte contemporânea. Disponível em: <http://www.mallarmagens.com/>. Acesso em: 21 dez. 2021.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. **Patrimônio Mundial no Brasil**. Patrimônio Imaterial. 2003. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/world-heritage-brazil>. Acesso em: 13 dez. 2020.

PAULI, Evaldo. **Cruz e Sousa, Poeta e Pensador**. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.

PELEGRIN, Eugênio. **Do Gabinete de Governo para o acervo do MHSC**: Antônio Carlos Konder Reis, aspirações para um legado. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, Graduação em Museologia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204091>. Acesso em: 19 mar. 2022.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, vol. 5, nº 10, 1992.

POMIAN, Krzysztof. **Colecção**. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2897806/mod\\_resource/content/1/Pomian%20%281984b%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2897806/mod_resource/content/1/Pomian%20%281984b%29.pdf). Acesso em: 14 set. 2020.

PRANDINI, Paola. **Cruz e Sousa**. Edições Selo Negro, 2011. (Coleção Retratos do Brasil Negro.)

PREFEITURA de Florianópolis. Secretaria Municipal de Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. **História de Florianópolis**. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=historia>. Acesso em: 20 jul. 2021.

PROJETO Afro Santa Catarina – Acervo/UFSC. **A escravidão e o progresso nas páginas d'O Moleque** (3 de maio de 1885). Disponível em [http://santaafrocatarina.ufsc.br/santaafrocatarina/?secao=acervo&i=78\\_1](http://santaafrocatarina.ufsc.br/santaafrocatarina/?secao=acervo&i=78_1). Acesso em: 09 set. 2020.

RESUMOS de Literatura. **Resumo de Simbolismo** (Literatura Brasileira). 2021. Disponível em: <http://www.resumosdeliteratura.com/2014/11/resumo-de-simbolismo-literatura.html>. Acesso em: 03 mar. 2022.

ROTEIROS Literários. **Aqui jaz um poeta**. 2020. Disponível em: <https://medium.com/roteirosliterarios>. Acesso em: 22 nov. 2020.

SANTA Afro Catarina. **Busto Cruz e Sousa**. 2013. Disponível em: [https://santaafrocatarina.ufsc.br/santaafrocatarina/?secao=acervo&i=87\\_1\\_](https://santaafrocatarina.ufsc.br/santaafrocatarina/?secao=acervo&i=87_1_). Acesso em: 20 dez. 2020.

SANTOS, José Reginaldo. **Memória e Patrimônio**. Organização de Regina Abreu e Mário Chagas. 2003.

UNIVERSIDADE Federal de Santa Catarina – UFSC. **12 fatos para conhecer o Brigadeiro Silva Paes**, criador das fortalezas, e suas contribuições. 2021. Disponível em: <https://fortalezas.ufsc.br/2021/10/25/12-fatos-para-conhecer-o-brigadeiro-jose-da-silva-paes-criador-das-fortalezas/>. Acesso em: 11 dez. 2021.